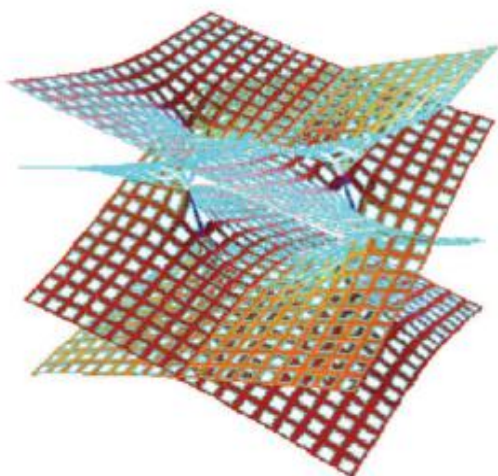


WUNSCH 19

BOLETIM INTERNACIONAL
DA ESCOLA DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO LACANIANO

Fevereiro 2019



WUNSCH 19

Número 19, fevereiro de 2019

VI Encontro Internacional de Escola

*Que alegria encontramos nós naquilo que constitui
nosso trabalho?*

Boletim Internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano

EDITORIAL

O Colegiado Internacional da Garantia (2016-2018) que chega ao final da sua função reuniu nesse número de *Wunsch 19* as apresentações dos trabalhos que tiveram lugar no dia 13 de setembro de 2018 no VI Encontro Internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (IF-EPFCL) e cujo tema foi ***A Escola e os discursos*** tendo como subtema ***“Que alegria encontramos nós naquilo que constitui nosso trabalho?”***. Acrescentamos aqui, a modo de intermezzo, os pequenos textos que pontuaram a tarde do Simpósio sobre o passe, realizado 12 de setembro de 2018.

Desejamos que essas leituras tenham algumas consequências para nossa comunidade por ocasião dos debates por vir.

ABERTURA DO VI ENCONTRO DE ESCOLA

Marc Strauss

Caros colegas e amigos,

Nós nos encontramos aqui novamente para tentar responder à questão de Lacan: “Que alegria encontramos nós naquilo que constitui nosso trabalho?”¹ Isso não exclui as dificuldades, mas alguma alegria bem deve nos trazer. Que alegria é essa, que transmite nosso discurso, analítico?

Quando digo nosso discurso, penso em nós enquanto praticantes [*practiciens*], mas também como membros de Escola.

Nossa alegria em nosso trabalho como praticantes continua, como ouviremos, uma questão apaixonante. Mas há outra alegria, que me parece tão apaixonante quanto essa, mas talvez mais complexa, o que não quer dizer que seja menos crucial: que alegria encontramos em nosso trabalho de Escola? Obviamente, não estou falando das tarefas administrativas, para as quais, se quiserem conhecê-las de dentro, recomendo particularmente o CIG; há, porém, muitas outras instâncias semelhantes – o CRIF, as instâncias locais etc.

Não, falo da alegria que encontramos em nos reunirmos entre membros da mesma Escola para falar sobre psicanálise, refletirmos juntos sobre essa curiosa prática, tentar elaborar sua experiência e até mesmo garanti-la para certas pessoas.

Existe essa alegria, às vezes consigo experimentá-la, e também achá-la por vezes um pouco curta. É verdade, nunca temos tempo para pensar novamente na apresentação de um colega, ponderá-la, degustá-la.

Decerto, o essencial da reflexão de cada um se faz na preparação de seu trabalho – anteriormente, portanto –, e os textos serão colocados à disposição de todos em um momento posterior, mas não é porque há sessões muito curtas que as trocas entre nós devem ser comprimidas até se tornarem sufocantes. Parece-me que se reúnem aí as questões fundamentais da psicanálise e os imperativos políticos de uma associação.

Sugiro, pois, que nossa reflexão de hoje culmine numa proposta concreta: que na próxima reunião da IF-EPFCL um outro modo de trabalho seja colocado em teste, que nos permita respirar, pelo menos com tempos de discussão iguais aos das apresentações, e também com debates sobre pontos de doutrina que nosso funcionamento atual da Escola coloca, preparados – por que não? – por cartéis internacionais.

Esses pontos de debate possíveis não faltam, e tenho um reservado, bem específico, eventualmente para a discussão, e podemos ter certeza de que eles sempre existirão. Mas estou especialmente ansioso para ouvir meus colegas sobre nosso tema e desejo a todos nós uma boa jornada, uma jornada de alegria, evidentemente.

Tradução: Cícero Oliveira
Revisão da tradução: Sandra Berta

¹ Lacan, Jacques (1967). Alocução sobre as psicoses da criança. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 367.

I. OS AE E OS DISCURSOS: EXPERIÊNCIA E TRANSMISSÃO

Mas, de onde vem a alegria de nosso trabalho?

Da alegria de 67 à alegria de 76

Carmen Lafuente Balle

Introdução. Jornada sobre as psicoses

Lacan, em sua alocução na Jornada sobre “As psicoses da criança”, ocorrida em 22 de outubro de 1967, poucos dias depois da “Proposição”, se refere a um afeto: a alegria, que contrapõe ao pecado da tristeza e que considera que o caracteriza: “todos sabem que sou alegre, dizem até moleque: eu me divirto. Sucede-me incessantemente, em meus textos, entregar-me a brincadeiras que não são do agrado dos universitários. É verdade. Não sou triste. Ou, mais exatamente, só tenho uma tristeza, naquilo que me foi traçado de carreira: é haver cada vez menos pessoas a quem eu possa dizer as razões de minha alegria, quando as tenho”.²

Lacan nos diz, nesta alocução, que o que permite sair do pecado contra o inconsciente, que é a tristeza, é uma virtude que denomina *gay savoir*. Ele se autodenomina *gay*, alegre, e ainda que se refira a si mesmo, podemos aplica-lo a cada um de nós, analistas. Claramente, é o saber do analista, do discurso analítico, o que o fazia ser alegre, fazer brincadeiras, molecagens, jogos de palavras que não eram do gosto dos universitários. A alegria de Lacan é a da brincadeira, o chiste, o jogo de palavras, a interpretação pelo equívoco.

O verdadeiro antidepressivo, dirá em “Televisão”, o único que não faz desertar do inconsciente, é o gaio saber, o saber livre de *lalangue* e das palavras: “não é compreender, morder no sentido, mas raspá-lo o máximo possível”.³ Esta é a alegria que chamarei de 67.

Lacan comenta então na “Alocução” que, para o psicanalista, não é o ser para a morte heideggeriano o que cabe, mas o ser para o sexo, isto é, a castração, e para isso os psicanalistas devem estar decididos a manter essa posição e a estar alegres. Isto, evidentemente, nos concerne.

Lacan elogia a alegria e a destaca como um afeto necessário para o psicanalista, mas se pergunta em que consiste essa alegria, deixando-nos, como coroação da referida Jornada, a seguinte pergunta: que alegria encontramos no que faz nosso trabalho?

Conceitos equívocos: alegria e trabalho

Assinalaremos, para começar, a ambiguidade, de ambos os conceitos: alegria e trabalho.

Começaremos com a alegria, que não pode ser a alegria das manhãs que cantam que o próprio Lacan viu como conduziu muitas pessoas ao suicídio, nem tampouco a alegria vazia de conteúdo, a da esperança neurótica, negadora do impossível do real. Além disso, os afetos são enganosos, logo, a alegria mente, pode-se chorar de alegria e deprimir-se quando as coisas vão bem, como ensinou Freud. Deve ser então outro tipo de alegria.

² Lacan, Jacques (1967). Alocução sobre as psicoses da criança. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 361.

³ Lacan, Jacques (1974). Televisão. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p 45.

Lacan, ao contrário de algumas opiniões, não descuidou dos afetos, que considera como efeitos que só são entendidos quando se pensa no que os produz, isto é, o inconsciente, o desejo, a pulsão. Assim, podemos considerar que a alegria que causa o trabalho do analista tem a ver com o desejo do analista, que não está desligado do gozo, como sabemos.

Isso levou-me a pensar no que me alegra em meu trabalho de analista e destacaria algumas coisas. Assim, a novidade de cada caso que nos leva ao encontro com o inédito e que obriga à invenção, a alegria que produz uma abertura do inconsciente, ainda que seja fugaz, a alegria de causar o desejo do analisante, ainda que implique em si mesmo uma caducidade constitutiva.

Mas tudo isso é acompanhado de outras posições ou funções que não são sempre alegres, já que, como diz Lacan em sua “Conferência em Yale”: “ser um analista é um job, e de fato um job muito duro. É até um trabalho inabitualmente fatigante”. Assinalarei algumas delas: suportar a demanda, ir contra o sentido, desmentir a existência da relação sexual, decepcionar o amo, perder o agalma, sustentar um desejo inédito, aceitar ser um dejetivo com entusiasmo!!!

Isto é, a alegria do analista não se dá sem outros afetos menos divertidos e por isso ela deve ser entendida como uma alegria não-toda.

Afetos do final

Para pensar a alegria do psicanalista ligada a seu desejo, vamos recordar as referências de Lacan aos efeitos de redução que se produzem no final de análise, que Colette Soler trabalhou em seus estudos sobre os afetos.

- Na “Proposição de 9 de outubro de 1967” evoca o luto pela perda do analista seguido da **paz**.

- Em “O auturdito”, 1972, o final do luto do objeto “a” que o analista encarnava.

- Na “Nota italiana”, 1974, o entusiasmo, que chega após haver circunscrito a causa de seu horror ao saber, o que o permitirá saber ser um desperdício. Isso o conduz ao entusiasmo, sem o qual pode ter havido análise, mas nada de analista.

- Nas “Conferências americanas”, 1975: “Quando o analisante acha que está contente de viver, é suficiente”.

- No “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11”, 1976, trata de uma satisfação específica que permite concluir a análise. A satisfação que marca o final de análise é um afeto do real. Esta satisfação não tem outra definição que a de por fim a outra satisfação, a gerada pelo sentido e pela verdade. “Dar essa satisfação é a urgência que preside a análise”.

Em geral, os afetos positivos são os do final de análise, mas são esses os afetos do trabalho do analista? Não, o analista passou por esses afetos, deve tê-los experimentado, vivido essa mudança no gozo, para querer levar outros a esse momento de satisfação que é conclusivo.

O trabalho do analista

A segunda questão a pensar: o trabalho. Pode-se falar de um trabalho referido ao analista? Recordemos algumas características que fazem de sua atividade algo distante do que comumente se considera trabalho: caducidade constitutiva do analista e seu *dessein*, por ser um

dejeito, não há que prestar contas a ninguém, o ato não se reembolsa e por haver degradado, ao final, toda representação de objetivo, pode ainda ser nomeado trabalho?⁴

Assim, em que consiste o trabalho do analista? Vejamos os níveis da questão:

1- Quanto ao que se realiza no tratamento, pode-se chamar trabalho?

Lacan diz que no tratamento quem trabalha não é o analista, mas o paciente, e principalmente seu inconsciente, em que recai todo o peso da experiência. Sua função de analista, seu trabalho, é causar o trabalho do analisante.

2- Quanto ao que se realiza quando se reflete sobre questões analíticas.

Os psicanalistas são donos de um saber sobre o qual não podem conversar, diz Lacan⁵, mas curiosamente, na prática, os psicanalistas falam muito, buscam lugares de encontro e intercâmbio com outros, e essa experiência pode ser alegre. Lacan mesmo o assinala na “Alocução sobre as psicoses da criança”.

Essa afirmação de que os psicanalistas são sábios de um saber do qual não podem falar coloca a questão da transmissão e de suas condições de possibilidade. É possível transmitir conhecimentos, mas é muito mais difícil transmitir o que se extrai do inconsciente, o real do gozo, porque não fala. O real, ao escapar ao simbólico, não se transmite. O real está separado do saber, porém o real tem efeitos que podem ser compartilhados.

A prova de que o analisante teve experiência do real, do gozo opaco do sintoma, é indireta, é a satisfação do fim. Essa experiência pode ser compartilhada no dispositivo do passe, que foi pensado para isso. Compartilhar isso com os demais, em meu caso, é sempre alegre, por que? Porque o psicanalista não pode estar só com esse saber, ao qual dá sentido ao compartilhá-lo, pois ainda que o real implique seu desconhecimento, o saber das consequências do encontro com o tamponamento do real impulsiona à palavra e à experiência comum de Escola. O encontro com o real que o final de análise produz impulsiona à palavra e também à escrita, e isso pode permitir, na Escola, que os ímpares façam laço.

Em meu caso, poder compartilhar com os outros, como resultado da queda da *surmoitié*⁶, produziu abrandamento e flexibilização em minhas relações com os outros e conectou-me de outra maneira com a Comunidade analítica. Cada espaço de transmissão compartilhado com meus colegas passou a supor um enriquecimento importante, uma alegria sempre.

O dispositivo do passe foi pensado para isso e permitiu-me recolher os efeitos da experiência com o real, da satisfação do fim, e inaugurar outro saber fazer que inclui a escola.

A alegria de 76

Se ao início deste texto desenvolvemos a alegria do *gay sçavoir*, a de 67, assinalaremos que já em “Televisão”, em 73, Lacan adverte que essa alegria não consiste em compreender, mas em fazer vacilar o sentido tanto quanto se possa, e para que esse gozo do deciframento não se transforme em cola ele deve cair ao final de análise.

⁴ Pellion, Frédéric. Nota sobre a alegria. Preliminar n. 3. VI Encontro Internacional de Escola da IF-EPFCL. <http://champlacanien.net/public/docu/4/ec2018pre3.pdf>

⁵ Lacan, Jacques (1967). Da psicanálise em suas relações com a realidade. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 358. “Os psicanalistas são sábios de um saber que não podem cultivar”

⁶ Neologismo, *surmoitié*, híbrido de *surmoi* [supereu] e *moitié* [metade] [N.T.]

Mas será no “Prefácio” que Lacan fará a virada teórica definitiva na qual o final de análise não se dá pelo *gay savoir*, saber da verdade, do inconsciente transferencial, mas ao contrário, devido ao fato de que esse gozo do deciframento não tem fim, o final consistirá em desabonar-se do inconsciente. Esse é o inconsciente real. Esse final só se manifesta por um deslocamento de libido, uma mudança de satisfação que assume valor de conclusão.

Se não houvesse essa satisfação, a análise deixaria os analisantes nos impasses da fase terminal da análise, que são decepção e angústia pela impotência da verdade e pelo horror do real que excede ao sujeito, privado do efeito terapêutico maior que é o efeito do final.

Sem esse final, como poderíamos, honestamente, animar, empurrar um sujeito a uma análise? Como diz Colette Soler, para oferecer uma análise um analista deve ter experimentado a saída de seus amores com a verdade e a queda do postulado do Sujeito suposto Saber. Deve tê-la ponderado em sua própria experiência analítica primeiro e então nas análises que conduz.

Quando o analista finalizou seus amores com a verdade poderá então fazer-se analista, sem objeções, servidor da transferência e de suas iscas pois está seguro da possibilidade da saída. É somente uma possibilidade, mas é muito.⁷ E isso alegra. Sem ela o analista fica cativo do postulado transferencial que segue compartilhando com seus analisantes e só pode prometer uma análise sem fim, que acaba por simples decadência e não permite a satisfação do final.

Esta alegria de 76, diferente do *gay savoir*, é a que encontramos no *Prefácio* com a função do inconsciente real, que poderá orientar o analista e conduzir seus analisantes à satisfação conclusiva.

Tradução: Roberto Profeta Marques
Revisão da tradução: Beatriz Chnaiderman

Referências Bibliográficas

- Bousseyroux, Michel. *Penser avec Lacan. Marcher droit sur un cheveu*. Paris: Érès. Point hors ligne, 2016.
- Lacan, Jacques (1967). Alocução sobre as psicoses da criança. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, pp. 359-368.
- Lacan, Jacques (1974). Televisão. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, pp. 508-543.
- Lacan, Jacques (1976). Prefácio à edição inglesa do seminário 11. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, pp. 657-669.
- Lacan, Jacques (1972). O aturdido. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, pp. 448-497
- Lacan, Jacques (1973). Nota italiana. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, pp. 313-311.
- Lacan, Jacques (1967). Da psicanálise em suas relações com a realidade. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, pp. 350-358.
- Lacan, Jacques (1975). Conferência na universidade de Yale. *Scilicet* 6/7.
- Pellion, Frédéric. Nota sobre a alegria. Preliminar No. 3. VI Encontro Internacional de Escola da IF-EPFCL.
- Soler, Colette. *Les affects lacaniens*. Paris: PUF, 2011.

Summertime sadness

Nicolas Bendrihen

Em “Alocução sobre as psicoses da criança”, de onde a CIG tirou o subtítulo de nossa jornada de Escola – “que alegria encontramos nós naquilo que constitui nosso

⁷ Soler, Colette: *Les affects lacaniens*. Paris: PUF, 2011, p. 147.

trabalho”⁸ – Lacan fala de sua alegria frequente, mas também de sua tristeza, aparentemente mais rara. Ele chega a nos dizer o que o deixa triste: “é haver cada vez menos pessoas a quem eu possa dizer as razões de minha alegria, quando as tenho”⁹.

Esse texto data de outubro de 1967... data chave na obra lacaniana, porque claramente é a data da proposição sobre o passe. E o que eu lhes proponho hoje é considerar, na trilha dessas palavras, o dispositivo do passe como um lugar onde um sujeito pode dizer as razões de sua alegria. Talvez haja poucas pessoas a quem podemos dizê-las, como deplora Lacan, mas no fundo duas bastam, contanto que elas tenham sido escolhidas no momento certo e se mostrem disponíveis para receber, e até apreender, as razões da alegria.

Evidentemente, é raro que uma análise se inicie na alegria. Na paleta dos afetos dos quais o sujeito padece, é sobretudo a angústia ou a tristeza que o levam a procurar um analista. Nesse ponto, eu mesmo não fui muito original. Alguns anos antes de consultar um analista, uma perda real, no meio de um verão sem alegria, havia a muito tempo escurecido meu céu. Essa perda real fora apenas uma pequena questão no primeiro pedaço da análise. Eram necessários o desejo decidido e o estrondo de uma interpretação do segundo analista para que, enfim, a análise pudesse operar um tratamento da perda, traumáticamente fixada até então. Um primeiro *savoir-faire* advindo do tratamento e desse ponto em particular, se destacou: o dizer não deve recuar diante do irremediavelmente perdido. Pois, disso que desapareceu para sempre, ainda é preciso identificar e exprimir-se sobre o que também foi pedido no outro e em si, para além da pessoa, e que se arranca com o desaparecimento.

Isso não basta, é claro. Ainda seriam necessários anos de análise para extrair o que essa perda, paradoxalmente, havia deixado intacto: uma história fantasmática, uma tela sobre a qual o sujeito dava vida a uma história que não era sua, mas na qual ele acreditava, e sobre a qual a neurose e a dor de um sintoma do corpo floresciam. Bastou, portanto, um lapso, uma simples palavra para um outro, mas formidavelmente contingente com o lugar em que ele foi cometido, para tudo mudar. Nesse clarão, estão ao mesmo tempo o horror de saber, solidamente repudiado por todos esses anos, que enfim experimenta dizer-se; e também a cena do fantasma, a qual o sujeito se surpreende ao enunciar uma hora após esse lapso, dessa vez no consultório da analista, cena em que ele nunca pensava e, no entanto, nunca a afastara completamente. Imprevisíveis consequências desse tropeço da fala. Descolamento imediato dessa história, num efeito misto de alívio, de vazio, de vergonha também de ser pego em uma história que o analisante acreditava sua e que desapareceu no instante mesmo em que foi dita. Descolamento também do outro e daquilo que o sujeito acreditava que ele lhe demandava. Que alívio a travessia dessa *fake news*.

Após esse tempo prodigioso da travessia, tudo muda. Eu disse em outro momento, é esse ponto de travessia que, para mim, faz começo verdadeiro¹⁰ e que estabelece minha relação com a psicanálise, com o meu tratamento e com aqueles que eu conduzo. Isso não assinala, no entanto, o fim de um tratamento analítico, mas orienta nele, *après-coup*, tudo o que foi dito até esse ponto, e o conduz ainda mais firmemente para o fim.

Isso que dura apenas um instante vai ter efeitos fundamentais no tratamento, mas também na vida. Esses efeitos, para mim, estão enodados e acho que são bastante solidários. O que se localizou de mais imediato foi um rápido desinflar da relação transferencial, que permitiu – segundo efeito – uma instalação outra na prática como psicólogo, e depois, como analista, já que para mim não estava em questão atender como analista antes desse momento que eu não tinha como prever. A autorização só advém após esse momento de travessia –

⁸ Lacan, Jacques (1967). Alocução sobre as psicoses da criança. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 367.

⁹ *Ibid.*, p. 361.

¹⁰ Bendrihen, Nicolas. *Ça commence à la fin*. Toulouse 1ro de junho 2018.

eu posso dizer, *après-coup*, que é desse momento e de suas consequências que eu me autorizei. Enfim, um terceiro tipo de consequência diz respeito a algo mais difícil de localizar, ligado ao afeto, mas não apenas, e que, na falta de um nome melhor, eu quis nomear aqui como a tristeza do verão, como um oxímoro leve que diz o instante onde se apreende um momento de alegria no mesmo instante em que desaparece, nos escapa, como os últimos raios de sol de um belo dia de verão que finda. Um momento onde a beleza se inscreve no final do momento, como o efêmero esplendor da floração das cerejeiras no Japão, ou de tantos outros lugares que cabe a cada um encontrar no mundo.

Em sua “Nota sobre a alegria”, Frédéric Pellion evoca a alegria como “esse estado sobre o qual é impossível discernir se ele celebra um reencontro ou comemora uma perda”¹¹. Fazer com esse impossível de discernir, consentir com as duas arestas da alegria, não é o mínimo que se pode aprender de uma psicanálise. Depois desse clarão e até a conclusão do tratamento, operou-se um trabalho de redução: redução da neurose ao que na estrutura e na vida não depende da operação analítica. O real de que se é feito, e também o real que advém e com o qual é preciso fazer.

Eu desperto hoje uma fórmula tão antiga de Lacan, tantos anos antes do passe, quando ele evocava o fim da análise, no qual “[...] o sujeito se apercebe de sua solidão, quer na ambiguidade vital do desejo imediato, quer na plena assunção de seu ser-para-a-morte.”¹². Não é a referência mais moderna dentro do nosso discurso sobre o fim do tratamento, mas ela não diz de forma tão pertinente o que está em jogo no fim da experiência analítica? É um drama vivo, o qual sem dúvida se atua de novo de tempos em tempos. O longo tempo passado desde a virada do passe me mostrou que o enquadramento do fantasma pode lentamente se reconstruir, de acordo com as contingências da vida; e que aí se prova o *savoir-faire* adquirido da análise, que permite, em um novo clarão, desfazer o que se trança de novo, sem o analista e a transferência, mas não sem a análise. É assim que, em um momento desses, eu decidi fazer o passe.

Então, uma Escola é um lugar que torna possível e operacional um dispositivo onde dizer as razões de seu júbilo, de sua alegria, o qual você entendeu que “não é a cessação de uma tristeza”¹³, como diz em seu último texto o filósofo, recentemente falecido, Clément Rosset. E, sem dúvida, o discurso analítico, dentre todos os outros discursos, é o único que pode acolher como se deve, sem recobrir aí o real, um simples tropeço da fala, um lapso, um sonho sobre o qual o sujeito decide concluir o tratamento, um resto de gozo, e que são – essas manifestações tão banais – o que faz um analista, na sua banalidade particular. Que os passadores apreendam esses clarões, dado que eles estão ali pelos seus próprios passes, e possam, por sua vez, transmiti-los a quaisquer outros que saberão escutá-los, é tão frágil, nunca assegurado, precioso, tão contrário ao “controle de qualidade” que o discurso atual tenta estabelecer. Preservar isso, fazê-lo viver, não seria a alegria que encontramos no que faz nosso trabalho de Escola?

Tradução: Beatriz Chnaiderman
Revisão da tradução: Sandra Berta

¹¹ Pellion, Frédéric. *Nota sobre a alegria*. Preliminar n. 3. VI Encontro Internacional de Escola da IF-EPFCL. <http://champlacanian.net/public/docu/4/ec2018pre3.pdf>

¹² Lacan, Jacques (1953). “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 322.

¹³ Rosset, C. *L'endroit du paradis*, Paris, Les Belles Lettres, collection encre marine, 2018, p. 29.

Hora do dizer

Adriana Grosman

O que dizer, ou que hora para o Dizer? Lacan parte da locução “sem dizer, não vai”¹⁴, para dizer que o dito não vai sem o dizer, é preciso falar, lançar os ditos para o dizer, reconhecendo aí a causa freudiana, “que se diga” do dizer ao falar. O sujeito diz por onde andou e se embaraçou, falando de seu inseparável sintoma; já o dizer é outra coisa, é justamente o que escapa ao dito, é se fiar em algo que provavelmente nos engana. Mas não ser enganado, como diz Lacan, é ser o primeiro a pagar as consequências do não–enganado [*non dupe*], o que ele chamou errar¹⁵; sem errar não vai, podemos dizer.

Para uma análise acontecer é preciso errar, se arriscar nos ditos, jogar os dados, uma análise é um processo onde se aposta e como propunha Freud, “a jogada está de saída como no nobre jogo de xadrez”¹⁶, o sujeito surge durante o seu desenrolar, o que torna cada partida única, no início está o Sujeito Suposto Saber e no fim o xeque mate. Tudo depende de como é dada a partida, o que sabemos do final é que ele já está no horizonte e na aposta do analista desde o início¹⁷.

Analista que está ali animando os ditos, por um tempo, não pouco tempo para que o analisante possa tropeçar na fala, e “se fazer ouvir”, para que algo do dizer ressoe.

E nessa nova experiência de passe, como transmitir o que passou nessa análise? Como “me fazer ouvir”? Naquilo que reconheci como instante de Dizer que me levou ao passe. Desse tempo que se leva para dizer algo. “O que se ouve entre linhas, entre frases e entre palavras? O que busca se fazer escutar? Quem não esperou, desejou, sonhou de se fazer escutar ao falar?”¹⁸, questão difícil e cara para Lacan, que sobre este ponto foi um exemplo vivo durante todo o seu ensino.

Lembrando disso, escolhi para este momento três instantes, que me marcaram nesta topada com o Real, que chamei de hora do Dizer. Na verdade, quando dei este título estava me referindo ao passe e só depois percebi que são “horas do Dizer”, momentos e não um apenas, indicando mais uma vez como a escrita de uma análise é um *work in progress*.

Assim, como primeiro momento falo do horror surgido no corpo, seguido do instante de final de análise e finalmente o do pedido do passe.

Começo pelo corpo, porque para que o dizer ressoe é preciso que o corpo lhe seja sensível. Como escutar essas pulsões no corpo?

Um corpo sensível num processo de uma análise é um corpo que revelava “algo visto”, um corpo angustiada, portanto, que se apresentava, assim como novos afetos.

Surpresa e horror, se for possível resumir assim, a quantidade de afetos que povoam uma análise, especialmente depois da travessia da fantasia.

Começo pela surpresa, desde o começo até o fim e talvez mais no fim, surpresa do fim, de saber do fim e do não saber. Também pelos passos dados, pelo novo sujeito do fim,

¹⁴ Lacan, Jacques (1973). O aturdido. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.451.

¹⁵ Lacan, Jacques (1973-1974). O Seminário, livro 21: *Les non-dupes errent*. Inédito.

¹⁶ Freud, Sigmund (1912). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol XII, tradução de Jose Octavio De Aguiar Abreu. Ed., RJ, 1969, p. 164.

¹⁷ Assis, M. (2003). Quando o fim do jogo ainda está por vir. In: *Revista Marraio*, Ed. Rios Ambiciosos/ f Formações Clínicas do Campo Lacaniano, n. 6. RJ, p. 59

¹⁸ Nguyễn, Albert. Do saber-fazer ao saber-dizer do psicanalista. In: *Wunsch 17*: Boletim internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo lacaniano, 2018, p. 38.

<http://champlacanien.net/public/docu/4/wunsch17.pdf>

pela contingência e que avança até o dispositivo do passe, pela fala dirigida aos passadores e com a notícia de que algo passou.

Quanto ao horror, mais do fim, a partir da caída das amarras protetoras da tela da fantasia, nada simples encará-lo, um corpo assustado, temeroso da contingência, do encontro com o real.

Seguir a pista do vazio traz angústia e medo, assim como, saber da verdade mentirosa que destrona as histórias mais ricas e engenhosas. Causa justamente o horror, encontro com a verdade, como diz Soler, “esta que não é triste é horrível, desumana; e o horror não deprime, mas antes, desperta”¹⁹.

O horror veio vestido da imagem da careca, um medo no corpo, um corpo aí implicado, medo da careca, associada ao câncer, medo de ficar doente, trazido a partir de um sonho com um corpo estranho que aparecia em dois pontos do meu corpo, e apresentava uma inconsistência porque ao mesmo tempo que eu iria morrer as coisas aconteciam. O sonho traz esta lógica da contradição, esquisita, como possível, assim como significantes da infância que traziam muito medo, ligando a doença ao “escondido” dos avós maternos, interpretado até então como enganação dos avós, mas que se tratava de outra coisa que só pude compreender depois.

Logo, o que não podia saber era vivido no corpo como horror, sem saber.

Um corpo afetado pela língua, um para além das palavras.

Encontro com isto numa opera, “The Passenger” baseado no romance de uma sobrevivente de Auschwitz, Zofia Posmysz, sobre o encontro de duas mulheres – uma ex-guarda nazista, a outra prisioneira do campo, as duas viajando no mesmo glamoroso navio – quando são surpreendidas por uma troca de olhar, um olhar que as leva para a viagem ao passado, às suas memórias dos horrores do holocausto; colocando ambas em uma batalha moral entre culpa e negação, retribuição e absolvição.

A ópera é montada em duas cenas, a segunda nos remete ao caminho de suas lembranças, como se fosse o sótão do navio. Ao ver as moças na segunda cena, com pijamas listrados e carecas, logo senti um arrepio muito forte no corpo, ao associar essas carecas, cabeças raspadas, à careca nome do horror, e então ao silêncio da minha avó, ou horror transmitido.

O que foi transmitido (através do dizer) por trás do dito “melhor não saber” era essa infalível experiência que produziu horror; minha avó, ainda moça sofrida da guerra, que sentada ao piano, escondida na casa de estranhos, recebe a visita de um general da SS. Este a cerca e a assombra, o som das suas botas, pisadas fortes se aproximando a deixam imobilizada, com medo de ser descoberta, jogando fora, assim, suas últimas fotografias da família. Minha avó apaga tudo menos o som das botas se aproximando, esse que posso escutar agora.

Alguns apagamentos, como diz Soler, “ultrapassam o sujeito”²⁰.

É o Instante de ver, que se apresenta aqui, na experiência de horror que acorda o sujeito implicado, do horror de saber; nesse efeito de *alíngua*, estranho saber, ex-sistente.

Imprevisto, acidente do Real que escapa ao ser falante.

¹⁹ Soler, Colette. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 78.

²⁰ Soler, Colette. *El fin y las finalidades del análisis*. Buenos Aires, Letra Viva, 2013.

Como afetos que resultam da presença de *alíngua* no que, de saber, ela articula coisas que vão muito mais longe do que aquilo que o ser falante suporta de saber enunciado²¹.

Isso se apreende numa análise, não dá para não ter se enganado, ou ter sido “enganado” pela *alíngua*. Sem errar não vai...

Assim, o dizer é do escape, do instante, uma função localizável num percurso de análise, singular da diferença do sujeito.

O dizer é também um ato, que orienta o tratamento e modifica o sujeito, que pode colocar um basta: “É isto”, afirmação de um saber de chegada à um fim, fim antes impossível, até este instante. Não sem incontáveis voltas encobridoras para negar a ausência de sentido, onde a palavra se coloca, como uma tagarelice, emparelhada ao dito até a hora do dizer.

No final da análise, surge um momento onde uma cena se põe até ser vista. Nesse caso, era a imagem de um rosto estranho, que aparecia, sem interpretação e sem sentido.

Foi num final de semana que fiquei com este rosto, colado na cabeça, era uma imagem que dizia: “o que é isso Adriana?”, e a voz se repetia. Tentei muitas vezes saber que cara era aquela ou interpretar o que ela estava dizendo, ou mesmo, responder ao que me perguntava, tudo caía, não colava. Eu estava nesse momento escrevendo um texto e retomando para isso algumas anotações e lembranças da análise, quando esta imagem da “cara” surgiu e ficou ali me rondando.

Ao voltar ao divã e falar da surpresa e incomodo do final de semana, me dou conta que a aparição da cara, não era qualquer uma, mas a da analista, “analista com cara”.

É isto! Digo surpresa. Uma transformação em ato para dizer de um movimento já em cena. A cara antes disso, não era vista, senão como sujeito suposto saber. Dissolvia-se assim a transferência.

Uma separação daquela que sustentava um saber que caía e deixava a voz ecoar, voz de solidão.

O fim estava “na cara”²², visto e escutado naquele instante, o que produziu um suspiro e uma saída. Belo acaso de um encontro Feliz! Isso só dá para dizer no fim, assim como: “*The answer my friend is blowing in the Wind...*”.

Uma análise dura um tempo e acaba num instante, instante de ver “o *nonsense* do próprio ser”²³ e deixar cair os significados, evidenciando a falta, efeito de mudança importante, ou subversão como diz Lacan: “a subversão se ela existiu em algum lugar e num dado momento, não consistiu de modo algum em ter mudado o ponto de virada do que gira, foi em ter substituído o ‘isso gira’ por ‘isso cai’”²⁴.

Isso cai, justamente a idéia de que há um ajuste possível para o sujeito, um olhar que completa, porém isso não se ajusta e deixa o sujeito na solidão, no vazio da pergunta: “o que é isso Adriana?” Como falar D’isso? Do impossível do inconsciente. Sem mais esperar pela resposta do outro, não Há.

Há sim, a partir daí um desembaraço ao perceber que a pergunta não vem do outro, e que emerge como novo discurso, uma voz que se solta pra dizer de um desejo inédito, voz que ao dizer se separa, separa os dois implicados no jogo. Onde o analista também age,

²¹ Fingermann, Dominique e Ramos, Conrado. *Lalíngua* nos seminários, conferências e escritos de J. Lacan. In: *Stylus*: Revista de Psicanálise, n. 19, R.J., 2009. AFCL/EPFCL-Br.

²² em português, estava na cara, é uma expressão que diz: é claro, óbvio, evidente.

²³ Lacan, Jacques (1973). O aturdido. In: *Outros escritos*. Ob. Cit, p. 482.

²⁴ Lacan, Jacques (1972-1973). O Seminário, livro 20: *Encore*. Rio de Janeiro: Escola da Letra Freudiana, 2010, p. 112.

consente em ser este objeto dejetivo, deixado que pode cair, “o psicanalista não tem mais que esperar um olhar, mas se vê tornar-se uma voz”²⁵, frase de Lacan, difícil de entender, porque este momento de separação “a dois” não é simples.

Depois do fim, o passe. O fim não é o passe, terceiro instante.

Uma sobra de angústia persiste num corpo amedrontado e me leva de volta para conversar com a analista, ao que ela me diz: este é o seu mais novo amigo²⁶, o conjunto vazio. Escolha contingente, da analista, que acerta no alvo (ponto) e me leva à várias outras associações e a produção de três sonhos que me levam ao passe.

Produção onírica que tem como pano de fundo a questão da separação e feminilidade. Mas como mais um passo a dar e não algo à interpretar.

Chamei de sonhos “pós”, uma série de três sonhos com a analista.

No primeiro ela estava atrás de um balcão, de uma venda, vendendo algo.

Lugar estranho para uma analista, se não for a indicação da venda, aquilo que está lá à venda, como chiste, porque serve como venda para prosseguir, porque ao invés disso a análise introduz à contingência de um outro encontro, encontro com o real onde cai, justamente, a venda.

No segundo sonho estou dando uma carona para a analista, caminhamos para algum lugar.

No terceiro ela está me recebendo num consultório estranho, diferente, no entanto, conhecido de outros sonhos, repetido e, entretanto, com uma diferença, desta vez a consulta não chegava e de repente me dou conta que a sala estava ocupada, a sala era de outro. Qualquer outro. Não importava quem. Isso que precipita o desejo de dizer em outro lugar, para qualquer outro agora.

Dizer dos imprevistos, como da série dos sonhos que se ligam à série, cara da separação, careca do horror, e agora carona²⁷.

Carona para o dizer, na solidão da descoberta do impossível.

Um saber fazer com a solidão do fim, para quem falar agora? Qualquer outro que não para analista, falar para outro, hora do dizer! Também do instante.

Surge um desejo de contar da surpresa causada pelo contingente, inconsciente real. Não é pouca coisa *Isso*. Preciso dizer!

Depois do fim, o passe, outro momento de decisão.

Como sustentar o laço “*sem perder la ternura*”, da fala em outro lugar? Novo laço com a escola para transmitir a descoberta deste impossível de dizer.

Impasse, que o passe enlaça.

Desta travessia da análise, da engomada da fantasia, presa do olhar do outro, ao novo nome construído: descolada, ex-sistente, para minha surpresa, já que traz a escola no nome - *D-escola-da* – sem saber, ou saber sem sujeito, decolagem para aqueles que arriscam testemunhar na escola.

²⁵ Lacan, Jacques (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 260.

²⁶ Forma de dizer em português, que este continuará com você, como um novo amigo, é apresentado para ter uma permanência.

²⁷ carona que em português tem o duplo sentido de: cara grande e o ato de transportar ou ser transportada por alguém, gratuitamente num veículo (levar alguém de graça no carro).

O novo nome “descolada” leva ao passe, que não faz sentido sem a escola, não confundir com o efeito da “cola”, adverte Lacan. A hora do dizer é, então, o instante, outro instante, que precipita o laço com a escola.

A transmissão é viva, do achado. Sugerir no primeiro testemunho pensar o passe como a brincadeira do passa anel, passa-se o anel, ora o anel, ora nada; tenta-se a partir daí saber qual é o destino do anel. Na contingência de que, quem sabe do anel furado, passa aos outros algo d’isso. Para o além do que passa, da contingência, do secreto e feminino, lembro ainda, só depois, de estar na casa da minha avó quando ela já não estava mais lá, a família se reuniu e todos brincaram de passa anel, todos menos uma. Quando escrevi sugerindo a brincadeira do passe anel para falar do passe, não lembrava disso. O que é isso Adriana?

Surpresa que causa *Isso!*

Quefazeres do real

Julietta De Battista

Quero começar por um problema crucial²⁸ enunciado por Lacan em 1967: o real em jogo na experiência analítica provoca seu próprio desconhecimento, produz sua negação sistemática²⁹. Como interrogar então esse real que se desconhece e se nega?

Esse ponto candente, vivo, do desconhecimento me surpreendeu desde o pedido do passe, no trabalho com os passadores e logo após a nomeação, no início da transmissão à Escola. O passe apresentou-se a mim como um convite para correr o risco, como uma travessia dos restos na qual esses se tornam fecundos e se demonstra que a carniça da palavra não é escória. Nos litorais da articulação simbólica, esses restos fulguram, acendem, irradiam, palpitam, *ex-sistem*. A experiência analítica toca um real, se fazer uma conduta, um estilo de vida com isso poderia chamar-se um quefazer³⁰ do real.

Irei ocupar-me desse problema crucial e tentar situá-lo em minha experiência.

Uma vez admitida no dispositivo e no brete da iminente transmissão aos passadores, lembrei a multiplicidade de sintomas, de inibições e de angústia que me levaram à análise. Apenas um sintoma faltava naquela desordem padecente que havia chegado com a puberdade e atribuída a defasagens hormonais.

Aquele que faltava era o único sintoma infantil. Estranhamente justo esse sintoma não estava incluído em minha primeira tentativa de testemunho e se fez presente no corpo

²⁸ Entendo "crucial" no sentido daquilo que se põe em cruz. Lacan atribui esse traço ao real: “o real, justamente, é o que não anda, é uma pedra no caminho (o que se põe em cruz), bem mais, é o que não cessa de se repetir para enterrar essa marcha” [Lacan, Jacques. *A terceira*. Inédito] « le réel justement, c'est ce qui ne va pas, ce qui se met en croix dans ce charroi, bien plus, ce qui ne cesse pas de se répéter pour enterrer cette marche » [Lacan, Jacques. *La troisième*. Inédito. <http://www.campopsicanalitico.com.br/media/1094/la-troisieme-integrale.pdf>].

²⁹ “Mas existe um real em jogo na própria formação do psicanalista (...) esse real provoca seu próprio desconhecimento, ou até produz sua negação sistemática” [Lacan, Jacques (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: Lacan, Jacques. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2003, p.249]. “Assim é preciso interrogar esse real para saber como ele leva a seu próprio desconhecimento, ou produz sua negação sistemática. Esse feedback desviante, como acabamos de afirmar, só pode ser detectado na psicanálise como intensão” [Lacan, Jacques (1967). Primeira versão da Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2003, p. 573].

³⁰ *Quefazer* é um termo cuja tradução para outras línguas é difícil. Em espanhol, remete aos afazeres cotidianos, às ações, “ao que se faz” todos os dias, o que é preciso resolver para continuar.

como um resto inquietante: uma dificuldade para respirar, entre a asfixia, o sufoco, o desespero e a angústia por esse impedimento que concerne à voz. A voz não sai, é engolida, aspirada, não se escuta... em espanhol, dizemos a “voz tomada”. Um sintoma conhecido, impossível de se esquecer... *encore (encorps)*. Essa pedra recusada tinha sido a pedra angular da análise. Soube que esse resto era a dobradiça³¹ do passe.

A análise desenudara esse sintoma até deixar só o pequeno grão de areia³² que agora insistia ante meu desconhecimento. Esse sintoma me permitira percorrer os meandros labirínticos de minha verdade mentirosa. Falei durante anos sobre a asfixia que sentia em relação aos homens que se apaixonavam por mim. Falei sobre minha necessidade de tirar o corpo fora apelando a relacionamentos em que eu era a segunda mulher em questão, para, depois, queixar-me de que me deixavam só: um movimento de pêndulo entre a sensação de asfixia, minha eficácia inconsciente para me fazer abandonar e as queixas relativas à minha solidão. Mas, sobretudo, era um sintoma que falava do amor-ódio obstinado por meu pai doente e morto por causa de seu vício pelo cigarro. Doente por culpa dele, destinada inconscientemente à maldição das segundas filhas mulheres de minha família: sozinhas e doentes, cuidando de suas mães.

Esse resto na respiração, a voz aspirada, fora o umbigo de muitos sonhos, sonhos-cifra, sonhos prumo que condensavam o nó de um destino. O corte na respiração marcava o momento do despertar angustiado. Nesses sonhos, a morte me perseguia: converterei-me em carniça³³ para esse corvo ameaçante? Não pude espantá-lo, a voz não sai.

Cuidar do pai doente e, em seguida, ficar ao lado da mãe viúva, sem reclamar. As mulheres desperdiçadas serviam para isso. Duvidava seriamente de que as estirpes condenadas a cem anos de solidão não tivessem outra oportunidade nessa terra³⁴. Quando meu pai morreu, eu parecia convocada por esta inércia: não constituir família, ficar sozinha para acompanhar minha mãe. A doença de meus irmãos e a morte prematura de outros tios pareciam confirmar a tragédia anunciada.

A via da análise dos sonhos na transferência desmontou essa primeira prisão que durante muito tempo tinha sido minha realidade. Os efeitos terapêuticos dessa travessia foram grandiosos: nenhum final de análise podia se desprender dali, no meu caso. Diria inclusive que o efeito foi inverso: não estava disposta a perder a esperança em que a análise me resgatara, alguma outra vez. A suposição de saber a esse falar louco me permitiu sair da prisão desse destino inconsciente. Fechei definitivamente a porta das segundas filhas mulheres malditas, consegui construir outra vida, encontrar um parceiro – suficientemente ocupado e disponível o bastante – com que formamos uma família e nos acompanhamos, como podemos. Fechada a porta do fantasma, entrei na porta de vaivém do final.

O luto pela queda da suposição de saber produz o desconhecimento do ato analítico. A via analisante não é a do ato³⁵. No trecho final da análise se entra e se sai de novo e se

³¹ “A passagem de psicanalisante a psicanalista tem uma porta cuja dobradiça é o resto que constitui a divisão entre eles, porque essa divisão não é outra senão a do sujeito, da qual esse resto é a causa” [Lacan, Jacques (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2003, p. 257].

³² Em espanhol, dizemos “colocar seu grão de areia”, ou seja, a pequena contribuição feita por um pode afetar o devir de todos. O pequeno grão de areia do sintoma do passante é oferecido à Escola.

³³ No início de minha transmissão como AE, no Colorado, escutou-se com sonoridade precisa: *carrion* [carroña, carniça em espanhol] é homófona a *carry on* [seguir apesar de].

³⁴ “[...] e que tudo que estava escrito neles era irrepitível desde sempre e para sempre, porque as estirpes condenadas a cem anos de solidão não tinham uma segunda chance sobre a terra” [Gabriel García Márquez, *Cem anos de solidão*].

³⁵ “Porque, afinal, é preciso que uma porta esteja aberta ou fechada, e é assim que se está na via psicanalisante ou no ato psicanalítico. Podemos fazê-los alternar-se tal como uma porta bate, mas a via psicanalisante não se aplica ao ato psicanalítico,

torna a entrar. Não há saída nessa alternância porque se continua sendo prisioneiro³⁶ da sede de sentido. A tentação associativa³⁷ é forte, justamente em função dos efeitos terapêuticos dela obtidos, e que são um obstáculo para o final. Mas, somente com um pedaço de verdade basta. A verdade é tóxica, adormece³⁸. O amor pela verdade tem também seu final, se o silêncio do analista acompanha. No final, pode se desconhecer que sonhos e lapsos já não têm mais alcance de sentido, é possível colocar novamente em marcha a máquina associativa, ali onde já não resta mais do que o ato da separação, *se parere*. E ficam os restos. Os sonhos-resto. O desejo do analista é um dejetto do gozo do sentido.

No meu pedido de passe, adveio um resto infantil conhecido e negado. Esse resto incendiou outros restos da análise, dejetos. Fez-se presente com nitidez e horror o dizer trágico de minha mãe sobre meu nascimento: o som dos disparos ameaçantes em uma cidade assediada pela ditadura, pelo desaparecimento dos filhos, pelos sequestros, pela fumaça do teatro incendiado no dia em que nasci. Respirava-se morte no ar. Julieta, um nome teatral sem precedentes em minha família. Tragicamente teatral. Também apareceu a lembrança do relato de como quase me afoguei quando muito pequena por causa de um descuido de meus pais. Anedotas do horror que habitavam o dizer de minha mãe, anedotas de mortes que espreitavam, deixando escutar que talvez esse não fosse um bom momento para vir a este mundo, não a um em que os filhos desaparecem antes de suas mães.

Desse dizer insidioso peguei a tragédia e também a reconstrução teatral. Durante muito tempo, tive certeza de que queria ser atriz e estava envolvida com isso, embora trabalhava transmitindo a psicanálise e praticando-a há mais de 15 anos. Desconhecimento ainda, encontro ignorado. Surpreendeu-me que, nos primeiros testemunhos, tenham me perguntado sobre a atriz, o que da atriz tinha servido à analista. Creio que somente sua queda. Não tinha sido um testemunho de passe “muito teatral”, me disseram.

Surpreendeu-me também que em uma das apresentações insisti, duas vezes certa - embora inadvertidamente - que “hystorização” é com agá. É evidente que queria marcar o jogo que Lacan faz com a histeria. Isso se escudou, assim como história é sempre com H, ao menos em todas as línguas que conheço. Esse H a mais adveio em meu dizer com decisão. Ante a pergunta, surgiu uma distinção em francês que sempre me pareceu falha: o agá mudo e o agá aspirado. Nenhum dos dois têm som, mas o aspirado introduz uma diferença que torna sonoro o vazio da *liaison* cortada. É um efeito raro, é mudo, mas soa. Acaso seria um lapso com alcance de letra?

O passe como travessia dos restos é uma oportunidade para recolher os dejetos recusados e elevá-los à dignidade da causa, causa de Escola. A negação sistemática e o desconhecimento do real em jogo na experiência psicanalítica concernem ao trabalho de uma Escola aberta à leitura de novas sonoridades. Somente nessa polifonia coletiva dos dispersos díspares podem ser advertidos os desvios e interrogado esse real.

cuja lógica é de sua consequência? [Lacan, Jacques. (1967) Discurso na Escola Freudiana de Paris. In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 280].

³⁶ “O fim de análise é quando se deu duas voltas, isto é, quando se achou aquilo de que se está prisioneiro” [Lacan, Jacques. (1978) *O Seminário: Momento de concluir*. Inédito. 10 de janeiro de 1978. Tradução Gerbase, Jairo. <http://www.campopsicanalitico.com.br/media/1091/ler-escrever-e-contar.pdf>].

³⁷ Pego emprestada a expressão de Colette Soler.

³⁸ “[...] é tentador sugar o leite da verdade, mas é tóxico. Isso dá sono, e é tudo o que se espera de vocês [...] A verdade é primeiro sedução, e para engrupir-los. Para não se deixar pegar, é preciso ser forte [...] que da verdade se tenha tudo a apreender, esse lugar comum condena qualquer pessoa a perder-se ali. Que cada um saiba um pouco será suficiente, e ele fará bem em ater-se a isso. Embora o melhor seria que não fizesse nada. Não há nada de mais traiçoeiro como instrumento” [Lacan, Jacques. (1969-1970) *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992, p.175-177].

O passante que se autoriza ao trabalho de hystorização torciona a histerização: converte-se em analista de seu próprio caso, dirige-se a seus S1 e produz um saber fazer com estes restos de um incurável. O relançar lúdico e quase infinito da cadeia se converte no primo sossegado do saber fazer. O trabalho de histerização e o da hystorização produzem seu próprio furo. Os furos podem se turbilhonar³⁹, se converter em torvelinhos de desejo que contagiam.

O desejo do analista deixa escutar uma diferença na voz, na sua enunciação. Um dizer marcado pela tentativa de cingir a causa do próprio horror de saber⁴⁰, mas também pela transformação do que cai – o caso – em causa. Um dizer ávido por encontrar a voz da diferença viva e absoluta.

Nem a travessia do fantasma, nem o luto do final, nem o saber fazer com o sintoma me permitem concluir que o desejo do analista é um efeito da análise. Não é sem isso, mas não se deduz disso. O desejo do analista parece advir *après-coup*, por clinâmen, em um terreno de transformações silenciosas que em dado momento se tornam evidentes. Não brota *ex-nihilo*, quem sabe emerge tal qual a queda insignificante de uma gota d'água causa a erosão e transforma irremissivelmente o leito do rio.

Tradução: Maria Cláudia Formigoni
Revisão da tradução: Sandra Berta

Referências bibliográficas

- Lacan, Jacques (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: Lacan, J. *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.
- Lacan, Jacques (1967). Primeira versão da Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.
- Lacan, Jacques (1967). Discurso na Escola Freudiana de Paris. In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.
- Lacan, Jacques (1969-1970). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1992.
- Lacan, Jacques (1973). Nota italiana. In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.
- Lacan, Jacques (1974). *A terceira*. Inédito.
- Lacan, Jacques (1975). Intervention aux Journées de cartels. *Lettres de l'École Freudienne de Paris* N° 18.
- Lacan, Jacques (1978). *O seminário, livro 25: momento de concluir*. Inédito.

³⁹ Uso a expressão de Lacan « *trou tourbillonnant* ». In: Lacan, J. (1975) Intervention aux Journées de cartels. *Lettres de l'École Freudienne de Paris* N° 18. Em Português está publicada na Revista de circulação interna da Escola de Psicanálise Letra Freudiana – *Documentos para uma Escola II* – Lacan e o Passe. p. 113 “[...] é necessário pelo menos três para que isso seja um buraco em turbilhão”.

⁴⁰ “Se o analista se criva do rebotalbo de que falei, é por ter um vislumbre de que a humildade se situa pelo feliz-acaso [*bon beur*] (é onde ela está banhada: para ela, só existe o feliz-acaso), e é nisso que ele deve ter circunscrito a causa de seu horror, o dele próprio, destacado do de todos – horror de saber. A partir daí ele sabe ser um rebotalbo. Isso é o que o analista deve ao menos tê-lo feito sentir. Se ele não é levado ao entusiasmo, é bem possível que tenha havido análise, mas analista, nenhuma chance” [Lacan, Jacques. (1973) Nota italiana. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 313].

II. EFEITOS DA EXPERIÊNCIA DE PASSADOR E LAÇO COM A ESCOLA

Efeitos da transmissão do saber inconsciente

Nathalie Dollez

A primeira impressão que guardo da experiência como passadora é a da alegria experimentada do início ao fim dessa experiência. Isto é, desde a ligação do passante ao só depois [*après-coup*] do encontro com o cartel do passe. Não sabia se o acaso do sorteio me daria a chance de ser passadora, mas esperava – por dedução – há algum tempo receber uma ligação para escutar um testemunho de passe. A alegria havia sido causada pela experiência que se abria, mas não somente. Ela também era pela sucinta mensagem deixada na secretária eletrônica pelo passante que se anunciava membro da Escola, e que acrescentava: “preciso falar com você sobre algo”. O dispositivo havia sido colocado: um passante, a Escola, um passador e, no centro... o testemunho de... algo!

Foi preciso essa primeira experiência como passadora para captar que a proposição de Lacan que coloca como elo do “controle do ato” aquele(a) que procura a porta de saída do fim da análise encontrava sua lógica nesse enodamento, tendo no centro, algo... real! O desejo de ser a correia de transmissão de um testemunho de passe me animava há muito tempo, de forma enigmática: o que é esse dispositivo fora do comum, antes mesmo de eu entender o que estava em jogo neste dispositivo? Naquela época, faltava o encontro com a Escola e uma virada na análise que tornasse possível a experiência... O passador não é, de fato, uma simples correia de transmissão, “ele é o passe”, disse Lacan. Sua função provisória na Escola não serve à ilusão de uma análise didática, mas testemunha que “existe um real em jogo na própria formação do psicanalista”.⁴¹

Como contribuir para a vida da Escola? A experiência de passadora chegou num momento em que me fazia essa pergunta com insistência.

Ser passador é uma experiência passageira, que não se demanda, e que traz sua parcela de interrogações. Duas questões tomaram forma rapidamente no lapso de tempo transcorrido entre a ligação e o testemunho do passante:

Como não “deixar a coisa incerta”, como Lacan precisa na “Nota italiana”, “sem o que o caso cai no âmbito de uma declinação polida da candidatura” do passante?⁴² A *coisa* ... O momento eletivo em que o psicanalisante passa a psicanalista,⁴³ prova que ele funciona como um objeto nas curas que ele orienta para o real, e não como sujeito do saber,⁴⁴ como enfatiza Patrick Barillot. Que há saber adquirido, certamente. “Mas para quem?” pergunta Lacan? Não para o sujeito, pois “que haja inconsciente significa que há um saber sem sujeito”.⁴⁵ A tarefa do lado do passante era de dizer algo sobre isso, a do passador, de transmitir isso.

⁴¹ Lacan, Jacques. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 249.

⁴² Lacan, Jacques (1974). Nota italiana. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 313.

⁴³ Lacan, Jacques (1969). O ato psicanalítico. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 372.

⁴⁴ Barillot, Patrick (2008). Particularidade do ato psicanalítico. In: *Mensuel*, n. 39, EPFCL-France, 2008, p. 27.

⁴⁵ Lacan Jacques (1969). O ato psicanalítico, *op. cit.*, p. 372.

Adriana Grosman em seu texto preliminar a nossas reuniões formula assim a questão: “como ficaria a transmissão de um fim e o que seria possível escutar do advento do dizer?”⁴⁶

Assim, o essencial era dar conta na transmissão do testemunho, da consideração do real do passante, para além do ganho epistêmico de sua análise, se fosse esse o caso. Não me parecia impossível fazer passar junto ao cartel pedaços de verdade reunidos no desvio da historização da cura, através de suas diferentes viradas. Mas no que procedia do fim da análise pelo real, talvez eu fosse pegar algo, mas perdesse sua transmissão. O inalcançável do desejo de que nenhuma confissão seria suficiente demonstrar a prova, como fazer passar isso? Em suma, foi preciso passar por essa experiência e seus efeitos imprevisíveis para avançar na questão. Mas, no fundo, desde o começo o passante havia me dado a entender/ouvir [*entendre*] que esse algo, de que ele ia falar, não era inteiramente [*pas-tout*] nomeável.

Outra interrogação antes do encontro com o passante, e que resultava em parte da primeira questão: Como se escuta um testemunho de passe? Um testemunho desconsidera o endereçamento a um Sujeito suposto Saber, que vem precisamente para tentar dar a prova da posição de objeto nas curas que conduz. Um testemunho que vai além mesmo do cartel do passe se articula com o funcionamento da Escola que leva em conta o real. Apoiei-me em meu desejo de ser passadora e no laço com a Escola que envolvia essa experiência. A expressão italiana “*dare un passaggio*” me veio à mente, a qual significa transportar alguém de um ponto a outro. Foi preciso, nesta experiência, fazer passar do passante ao cartel do passe o testemunho.

As raras perguntas que fiz apenas completaram o que já havia sido dito, e não trouxeram mais nada ao essencial, que havia passado. Disso eu não duvidava. Essas pequenas perguntas chegaram ao final do testemunho de passe para me assegurar que eu havia realizado corretamente a função de passadora.

Entre o depoimento do passante e o encontro com o cartel do passe, alguns dias antes de transmitir o depoimento do passador, uma dúvida me pegou: acreditava ter perdido uma articulação no testemunho do passante! Estranha impressão que não havia absolutamente se manifestado ao ouvir o passante. Tinha um borrão no seu testemunho ou na minha escuta? Eu ia ligar para ele para pedir alguns detalhes, mas me abstive. A exaustividade certamente não tinha nada a ver com o caso. Não tinha nada para “saber” a mais para transmitir o que havia recolhido, inclusive os efeitos.

O que tinha ouvido no testemunho de passe do passante e que redobrou meu desejo de fazer passar o que era essencial daquele testemunho estava ligado com uma nova posição diante do gozo no passante. O índice dessa posição passava através de um testemunho resumindo-se ao essencial. Uma última volta, depois da análise, o havia levado ao pedido de passe. Um último parapeito, ainda dependente dos restos da fantasia, havia caído, com o afeto que permanecera ligado a ele.

O engodo que já não é mais sustentável,⁴⁷ que o passante testemunhou na historização de sua análise, essa notável virada por seus efeitos, também me levava a ir dizer algo sobre isso, a desejar fazer isso passar. Mas ir dizer ao cartel que o engodo que não mais existia me causava, antes, horror e havia parcialmente se transformado em esquecimento!

⁴⁶ Grosman, Adriana. *Adventos do desejo do analista*. Pré-texto. X Encontro da IF-EPFCL “Os adventos do real e o psicanalista”. <http://xcita-if-epfcl.barcelona/pretextos-pr.html>

⁴⁷ Lacan, Jacques. O Ato psicanalítico, *op.cit.*, p.372 “[...] o mesmo engodo que para ele já não é sustentável”

Descobrir o dispositivo do passe através do cartel do passe foi estimulante: além das línguas e estilos diferentes, cada um está trabalhando para fazer circular algo do lugar do real na Escola.

O ponto central na intersecção do passante, do passador e do cartel, retorna, portanto, ao saber... no real. Para o passador, a dificuldade não está em ouvir “mal” como eu havia me preocupado no começo, partindo do princípio de que os passadores não dormem durante o testemunho. A posição de turbulência, da qual fala Colette Soler, na qual eles se encontram no momento de sua análise, os coloca, ao contrário, numa posição de forte vigilância sobre tudo o que concerne ao fim da análise e à passagem a analista. Pequeno parêntese: será que um passador que não fosse animado pelo desejo de analista teria essa mesma vigilância em recolher e tentar fazer passar aquilo que acontece com o ato psicanalítico? Provavelmente, se sua análise for orientada pelo real e tenha tomado nota dos limites da verdade mentirosa. Mas o que o levaria a aceitar a função do passador?

O vislumbre da “incurável verdade”⁴⁸ e da relação [*rappor*] sexual que não há cresce em direção ao laço social oferecido pela comunidade de trabalho da Escola.

Os seminários e os colóquios fazem funcionar a Escola, trilhando um ensino na continuidade do ensino de Lacan. O dispositivo do passe, um golpe de gênio lacaniano, revolucionário em muitos aspectos como demonstra a história da psicanálise, coloca no coração da Escola um saber “na medida em que é no antro de *lalangue* que ele repousa”.⁴⁹

Tradução: Cícero Oliveira
Revisão da Tradução: Sandra Berta

O passador: desejo, transmissão e saber

Juan del Pozo

O tripé deste título destaca os elementos que deixaram marca de minha experiência na função de passador.

O desejo em meu caso se articulava em torno de assumir a tarefa. Enfrenta-la com uma disposição de não deixá-la escapar, apesar de não ter muito claro o que isso podia cingir. Não queria que a honestidade no exercício da minha tarefa se convertesse em uma dimensão do funcionalismo daquele que só transmite os ditos. Queria encontrar na experiência do diálogo com o passante algo que também dissesse respeito a mim, uma vez que compartilhava com ele o mesmo espaço do passe.

Tratei de ser sensível ao dizer do passante, porém sem me anular só pelos seus ditos. Preparei para levar ao cartel apontamentos de seus ditos e momentos de sua historicização, ainda que me resultassem difíceis de apresentar de um modo totalmente estruturado e coerente. A seriedade que se espera da função do passador não pude alinhá-la em uma “série” de passes, pois só fui convocado por um único passante, com a sorte deste ter sido nomeado. Me senti muito preocupado e como é lógico quis fazê-lo bem. Mas o que é fazê-lo bem, quando do que se trata em uma Escola de psicanálise não é governar nem educar para produzir ensinados, ou como se diz: bem educados?

⁴⁸ *Ibid.*, p. 372 “A quem paga o preço da verdade da qual, em última instância, o sujeito tratado seria incurável?”.

⁴⁹ Lacan, Jacques (1972-1973). *O seminário, livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 194.

A solidão do passador sem um saber que comande o que se deve fazer ou como se fazer me orientou a confiar em um saber que não se sabe. Percebi no encontro com o passante a possibilidade de dialogar com alguém que estava na mesma zona de turbulência⁵⁰ porém dela saindo.

Um desejo estava em jogo. Cingir o melhor que pudesse a experiência do colega que se apresentava ao passe. Isto significou que me entrevistasse com ele em duas ocasiões, em dois dias seguidos com um intervalo para ordenar o recolhido e, também, para propor minhas perguntas, minhas dúvidas. Pode-se dizer que eu o agarrei pela gola da camisa antes de soltá-lo, a causa do que nisso me concernia. Ainda assim, alguns dias depois, solicitei via e-mail alguns esclarecimentos sobre o que eu havia recolhido. De modo que eu queria fazê-lo bem para a Escola, mas também para mim. Seus efeitos continuam a se desdobrar ao realizar esta comunicação.

A segunda questão que me preocupava era a da transmissão. Me ajudou o comentário do cartel fazendo alusão ao breve tempo que tínhamos. Tomei isso como um convite a que minha intervenção se aliviasse do peso das notas e papéis. O tempo da minha função, portanto, assumiu uma lógica diferente no encontro com o cartel, no qual, confesso, não lembro muito bem o que disse - exceto alguns pontos específicos. Lembro-o como um momento agradável nem pesado, nem denso, no qual a coisa fluía.

Lacan diz sobre “a ideia de separar quem recolhe o testemunho de quem produz esse *dignus est entrare*⁵¹”, ou seja, um júri de veteranos se lhe impunha neste dispositivo de cingir o passo ao analista. Não se trata de que um júri solene sancione sobre um testemunho que tenha por objetivo convencê-lo. “A verdade pode não convencer, o saber passa em ato”⁵², diz Lacan.

Por essa via, acredito que o passador não é advogado do passante, mas de alguma maneira é alguém que está em uma causa similar. Isto permite uma fresta com o passante e não uma identificação. Não querendo trair a verdade do passante, contudo, traduz-resume-trai. Andrea dell’Uomo⁵³ adverte bem a ressonância da palavra “traduzir”, em italiano, “tradurre”, com “tradire”: trair, decepcionar. O importante – ele sublinha - é o “dire”, o dizer. Eu acrescentaria que, dado que “tra” em italiano quer dizer “entre”, encontramos-nos em um campo entre-dizeres. E assim o passador acrescenta um toque, um elemento novo, aportando a sua escuta e transmissão “o frescor de seu próprio passe” desde onde recolhe o dizer do passante. Esse “desde o frescor de seu próprio passe” – (o passador é o passe) – pode permitir, quem sabe, que o testemunho do passante cause ao mesmo tempo o cartel do passe. Isso aporta uma oportunidade para que o saber em jogo na experiência - que não é um saber dos ditos, embora não seja sem eles - possa passar e fazer ressonância no cartel.

Tradução: Cibele Barbará
Revisão da tradução: Sandra Berta

⁵⁰ Soler, Colette. O passador. In: *Wunsch 12*. Boletim Internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, junho 2012, pp 3-5. <http://champlacanian.net/public/docu/4/wunsch12.pdf>

⁵¹ Lacan, Jacques (1967). Um procedimento para o passe. Revista de circulação interna da Escola de Psicanálise Letra Freudiana – *Documentos para uma Escola II* – Lacan e o Passe, pp. 20-25.

⁵² Lacan, Jacques (1970). Alocução sobre o ensino. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 310.

⁵³ Dell’Uomo, Andrea. A experiência do insabido que sabe. *Wunsch 14*. Boletim internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, dezembro 2014, pp. 23-26. <http://champlacanian.net/public/docu/4/wunsch14.pdf>

O tempo êxtimo do passe: entre contingência e necessidade

Paola Malquori

Êxtimo é um termo que indica que aquilo que está mais próximo de nós é, ao mesmo tempo, exterior, e Lacan o define como aquilo que é, em mim, o mais íntimo, e que sou obrigado a reconhecer como exterior.

O tempo é o modo no qual os acontecimentos singulares se produzem e se relacionam entre si.

O tempo do passe é um tempo êxtimo porque enoda, entre intensão e extensão, o tempo íntimo da análise de cada sujeito implicado no dispositivo, ao tempo da transmissão à Escola que é um tempo exterior à intimidade subjetiva.

É também um nó entre o tempo necessário da repetição do sintoma que se desdobra e é decifrado no decorrer da análise, e o tempo contingente daquilo que se passa na experiência.

O encontro com o real de cada um que somente no *a posteriori* [*après-coup*] podemos decifrar, no cruzamento entre aquilo que está escrito e continua a ser escrito como S_1 , o necessário, e aquilo que se escreve no curso da análise, o contingente e a possibilidade de que algo novo se escreva.

Foi assim na minha experiência como passadora, na qual a dimensão do tempo foi uma evidência.

A notícia de minha designação como passadora chegou enquanto estava de férias, num momento de total relaxamento, durante o qual havia decidido que em setembro faria uma demanda de passe.

Primeiro nó temporal de saber entre necessidade e contingência: a certeza de estar no momento do fim da análise que havia sido confirmada pela contingência de ser sorteada.

Um saber subjetivo que também me dá a percepção de ter a chance de poder ter a experiência em outro tempo para escrever o fim da análise, o tempo do passe do lado do passador.

O nó entre necessidade e contingência se apresentou com um sonho tido na mesma noite da notícia do sorteio, um sonho que colocava em cena a dimensão do tempo e da escrita e que se concluía com uma cena em que o passante me enviava uma mensagem na qual dizia que tínhamos que adiar o encontro, pois ele não podia vir, pois não estava se sentindo bem: o sonho colocava em relação causal o tempo e o sintoma.

A questão do tempo lembra a do devir, da causa e do efeito: como conectar as mudanças que se produzem num mesmo sujeito? Como captar o destino da passagem a analista, de que o passante fornece um testemunho ao passador e, portanto, ao cartel do passe?

Sabemos que Aristóteles resolve a questão de devir no par de potência-ato. O ser em potência se realiza no ato, e, portanto, o devir se torna a passagem do poder ser ao ser.

Para pôr fim à infinidade de possibilidades que podem ou não ser realizadas, o possível deve se conjugar com o necessário, como uma necessidade livre, isto é, uma liberdade que não remeta à escolha e ao livre-arbítrio, mas a algo que age unicamente em conformidade com a necessidade de sua própria natureza, diríamos em conformidade com o S_1 do sujeito.

Uma liberdade necessária que poderíamos redefinir como “liberdade mais digna” é a oferta ética da psicanálise destinada a responder à loucura, fiel companheira, sombra da liberdade, de uma maneira diferente daquela da segregação, tão presente em nossa época.

Se o êxtimo diz respeito ao gozo singular de cada um, o êxtimo como tempo do passe deveria corresponder a um tempo da escola, tempo e lugar em que um laço é criado entre a experiência singular de cada um e a possibilidade de constituir um objeto de ensino transmissível e, portanto, um objeto comum, con-divisível – em que a preposição “con” expressa a relação, e o termo “divisível” designa a divisão característica de cada um.

Citemos Lacan: “A passagem de psicanalisante a psicanalista tem uma porta cuja dobradiça é o resto que constitui a divisão entre eles, porque essa divisão não é outra coisa senão a do sujeito, da qual esse resto é a causa”.⁵⁴

A prova da passagem só pode vir da experiência e na experiência, num nó entre o necessário e o contingente, que dá testemunho de uma colocação à prova do do gozo do sintoma.

A colocação à prova do sintoma é solicitada sempre, tanto ao indivíduo quanto aos grupos, quando se apresenta o impasse da escrita, o que não se pode escrever apesar de tudo. Não há relação [*rappori*] sexual, e entre o “con” da relação [*relation*] e o “divisível” há o hífen que lembra a re-união das esferas de Euler, cuja intersecção determina uma perda mais do que a união em Um.

A questão, portanto, é a seguinte: a dificuldade de suportar ou de elaborar a perda produzida pela intersecção dos dois círculos. O que se perde é o objeto con-divisível, mas não é do Um nem do Outro. Nada de subjetivo, nada de pessoal ou coletivo.

Para aqueles que se reúnem em uma Escola de psicanálise, desde que Freud devolveu o gozo a seu lugar com o princípio de prazer que é o freio no gozo, permanece uma função ética da humanização que consiste em colocar o freio no gozo, esse gozo do objeto que nossa época, ao contrário, nos impõe sob várias formas.

A Escola, como lugar de transmissão e colocação à prova de um saber sobre gozo, um saber não universalizável, mas con-divisível, em que o hífen é o sinal dessa separação, que mantém uma diferença simétrica, é o sinal da subtração, sinal desse “saber vão de um ser que se furta”.⁵⁵

Para concluir, somos submissos e temos que nos haver com um Real às vezes incompreensível, violento, inesperado e que nos surpreende, mas há do saber no Real.

Lacan - em maio de 1972 em Milão, falando desse estranho animal que é homem e dizendo que se a linguagem não existisse, não existiria mestre - se perguntava se podíamos aspirar a um discurso do mestre um pouco menos estúpido, o que, conseqüentemente, não nos impele a pensar na revolução, isto é, ter que recomeçar do zero.

Isto é, que, apesar de tudo, alguma coisa resta, e que é sempre com esse resto que temos que nos haver.

Tradução: Cícero Oliveira
Revisão da tradução: Sandra Berta

⁵⁴ Lacan, Jacques (1969). Proposição de 9 de outubro sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 259.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 260.

Seguir o traço

Adriana Álvarez Restrepo

Faz dois anos, no Encontro Internacional da Escola realizado em Medellín, escutei com muito interesse os trabalhos apresentados. Pela primeira vez, aproximava-me a reflexões sobre a experiência de Analistas de Escola, passadores e membros do cartel do passe. Durante um dos intervalos, pedi a um analista que me contasse em que consistia o dispositivo. Lembro o quão distante tudo isso me parecia; e o impacto que produziu em mim ver como os Analistas de Escola haviam se disposto a falar, frente a um público numeroso, de assuntos de sua experiência pessoal na análise.

Por essas voltas do destino, dois anos depois, é minha vez de transmitir a experiência, após ter feito parte do dispositivo como passadora. Experiência que entendo como o encontro com os reduzidos traços de uma análise, traços dos quais o passante se desprende, e a posterior passagem de fronteiras para fazer com que isso chegue aos destinatários – os membros do cartel.

Ao começar o trabalho de escrita sobre esta experiência, e me encontrando em meio à complexa tarefa de articular um texto, foi evidente para mim que a própria situação de ser passador se trata do encontro com o que não pode ser dito. Conecto isso a um sonho que tive na noite em que havia começado a pensar sobre o que escrever. No sonho, encontrava-me em um auditório, sentada de frente para o público e, quando me dispunha a falar, meus dentes caíam. Nessas condições, há algo que não pode ser dito ou, ao menos, que não pode ser dito por completo.

A natureza do testemunho que um passante transmite ao passador, e que o passador deve fazer chegar ao cartel, consiste em traços descontínuos, restos nos quais ex-siste aquilo que não tem sutura, apoio ou tradução. Penso na arquitetura, onde os traços [o gabarito] indicam os lados onde se levantarão as paredes e estabelecem as formas básicas de uma superfície. O testemunho considerado como traço remete a uma construção, mas também a um vazio e a uma mobilidade, produto das formas de cada um, nas quais se pode reconhecer a singularidade.

Assim, em meio ao esforço para conseguir fazer um texto que produza um efeito de transmissão, entendo que, da experiência como passadora, é possível fazer um tecido articulado, mas um furo prevalece; há um “não poder dizer” e há o que se conserva como intransmissível.

Agora, para detalhar um pouco os acontecimentos, gostaria de mencionar o efeito de surpresa que produziu em mim a ligação da passante; que me deixou sem palavras. Poderia descrever a sensação deste momento, como dizemos na Colômbia: “Foi como um balde de água fria”; com seu conhecido efeito de ajudar a despertar.

A maneira como foi pensado o dispositivo do passe implica que o passador seja tomado de surpresa no momento em que tenha sido designado. Esta invenção de Lacan propicia que o passador se encontre em uma situação aleatória, contingente, da ordem do inédito e que, além disso, costuma ser em um momento no qual a relação com o Outro foi definitivamente modificada. Na simplicidade do dispositivo, mas também no que implica a instituição Analítica, passante e passador estão sozinhos – pelo menos nesta primeira parte da experiência. Parece-me então que o processo em si mesmo exige passos sem suporte, sendo aí precisamente onde reside a firmeza dos passos.

Depois de três encontros com a passante e dos efeitos iniciais do testemunho sobre mim, encontrei-me na peculiar situação de ter aceitado levar algo que não é próprio, mas

com o qual sente-se de alguma maneira concernido. Isto me obrigou a realizar permanentemente um esforço de separação. Sentia que o testemunho tinha ficado “colado” em mim e, todo o tempo, eu incorria no lapso: ao me propor dizer “passante”, dizia “passador”. Em minha experiência como passadora, naturalmente o limite se confunde e, para isso, no lugar de batalhar contra o inevitável, o que pude fazer foi empreender todo um trabalho para deslindar o que me permitiu decantar elementos fundamentais.

A função daquele designado para levar os restos – referir-me-ei, a partir de agora, à palavra “restos” por sua afinidade aos despojos e, um pouco, à morte – tem, pelo menos, duas dimensões. A de testemunha e a de mensageiro. O lugar de mensageiro faz pensar em figuras míticas como Caronte ou Hermes. Caronte, o barqueiro do Hades, tem a função de levar as sombras errantes dos defuntos ao outro lado do rio. Hermes também era descrito como um mensageiro encarregado de acompanhar as almas em trânsito. Tanto Hermes quanto Caronte se encontram localizados em lugares de fronteira, onde é preciso que ocorram movimentos e trocas de lugar. O dispositivo propicia que o passante, o passador e inclusive os membros de cartel cruzem fronteiras. Algo muda neste percurso para aqueles que vivem a experiência, razão pela qual a passagem pelo dispositivo cobra seu valor, produza-se ou não uma nomeação.

Na dimensão da testemunha, encontro outras implicações mais complexas. A primeira testemunha é aquela não está – o passante –, que, por sua vez, faz ao passador testemunha de sua experiência. O passador é a outra testemunha que fala, a partir da fronteira, de uma experiência da qual se aproximou de maneira não intencional e que não chega a passá-la toda pela simbolização. Testemunhar se diferencia do princípio de credulidade no outro, no momento em que o testemunho se apresenta como acontecimento para uma testemunha. Foram vários sonhos de caráter horroroso, nos quais se conjugavam elementos do testemunho com, obviamente, o meu íntimo, os quais traçaram rotas, caminhos para me assegurar de um saber. No processo, vi-me concernida pelos efeitos do testemunho; não foi possível, para mim, uma relação distanciada; encontrei-me com o que não se pode passar pela palavra e, desta maneira, tive que repensar a forma do testemunho depois que este irrompeu em meu cotidiano.

Ante à finitude de uma análise, a passagem por outros dispositivos da Escola – o passe, o cartel – abre possibilidades de elaborar um saber sem o Outro. Dos restos desvalorizados da análise, surge algo valioso no esforço pela formalização da experiência na passagem pelo dispositivo; valioso pelo que pode trazer à Escola. Neste ponto, já não se está sozinho, se está com os outros. A transmissão no dispositivo do passe não se detém no passante, passador e cartel; mas atravessa a Escola e mais além da Escola. Há outras passagens de fronteiras posteriores, e algo da transmissão chega até aquele que escuta pela primeira vez. Quem sabe... Pode ser que esta pessoa, que acaba de se encontrar com esses assuntos, passados alguns anos, surpreenda-se e possa seguir o traço.

*Tradução: Leonardo Pimentel
Revisão da tradução: Sandra Berta*

Uma passadora e suas cidades invisíveis

Maria Laura Cury Silvestre

*“Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.
– Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? – pergunta Kublai Khan.*

– *A ponte não é sustentada por esta ou por aquela pedra – responde Marco –, mas pela linha do arco que elas formam.*

– *Por que você me fala das pedras? É só o arco que me importa.* (diz Kublai)

Polo responde:

– *Sem pedras, não há arco*⁵⁶.

Foi a partir desse trecho de “As cidades invisíveis”, de Calvino, que tomei minha posição frente ao iminente encontro com o cartel do passe: falarei das pedras, pedra por pedra, e caberá a eles, que me ouvem, inferir o arco. Eu havia tentado escrever um texto, mas desisti quando percebi que, à medida que escrevia, algo se perdia. Aposta radical no inconsciente: abdicar de um formato prévio, em nome de algo que pudesse se transmitir para além de um texto, embora não sem algum texto.

Mas como transmitir?

Calvino, nessa obra, que apresenta uma série fictícia de relatos de viagem que Marco Polo, mercador veneziano, faz a Kublai Khan, imperador dos tártaros, indica algo que hoje considero de suma importância a um passador:

*“O que tornava precioso para Kublai todo fato ou notícia referidos por seu inarticulado informante era o espaço que ficava ao redor, um vazio não preenchido por palavras. As descrições das cidades visitadas por Marco Polo tinham essa virtude: que se podia dar voltas com o pensamento por entre elas, perder-se, deter-se por um momento tomando ar fresco, ou sair correndo*⁵⁷”.

Se se cai na tentação de arrumar o texto do passante, preenche-se o vazio tão angustiante para o inarticulado passador, mas ao preço de uma perda!

Após a reunião com o cartel, me pergunto: como é que eles sabem se as pedras que descrevi são minhas ou do passante?

– *Senhor, agora creio que já lhe falei de todas as cidades que conheço.*

– *Falta uma, da qual você jamais fala. Veneza – disse o Khan.*

Marco sorriu:

– *E de que outra coisa acredita que eu falava? Cada vez que descrevo uma cidade digo algo de Veneza.*

– *Quando pergunto por outras cidades, quero ouvir você falar delas. E de Veneza quando pergunto por Veneza.*

– *Para distinguir as qualidades das outras, devo partir de uma primeira cidade que permanece implícita. Para mim é Veneza*⁵⁸”.

Posso pensar, então, que quanto mais clara está Veneza na fala de um passador, mais claras ficam também as diferenças, ou seja, aquilo que não é Veneza. E assim vão se desenhando as cidades invisíveis, mas não inaudíveis ao cartel.

Há que se considerar, ainda, que Kublai possui um atlas, curioso catálogo que reúne os mapas de todas as cidades, revelando a forma das cidades que todavia não possuem forma, nem nome. O imperador, portanto, não é capaz de conhecer as cidades através do atlas. É preciso que Polo viaje, deixe-se imprimir pelas cidades, e venha falar a ele. Polo ainda nos ensina:

⁵⁶ Calvino, Ítalo (1972). *As cidades invisíveis* São Paulo: Biblioteca Folha, 2003, p. 35.

⁵⁷ *Ibid.*, p. 19.

⁵⁸ *Ibid.*, pp. 36-37.

“– *Viajando, percebe-se que as diferenças se perdem: cada cidade vai se parecendo com todas as cidades, os lugares trocam forma ordem distâncias, uma poeira amorfa invade os continentes. Seu atlas guarda intactas as diferenças: essa variedade de qualidades que são como as letras do nome*⁵⁹”.

Para conhecer cada cidade, não basta o atlas – saber incompleto de Khan, não bastam as impressões das viagens – saber incompleto de Polo. É somente no encontro que se pode ler algo dessa variedade de qualidades que são como as letras do nome: marca da diferença que torna cada cidade única.

O inarticulado passador, que é ele próprio o lugar onde as cidades se misturam, transmite, com sua voz, a marca que não é a sua, e que ele mesmo pode eventualmente não ler. Para reconhecer tal marca, o cartel do passe conta com seu atlas, referência que permite ler as letras do nome que o passador transmite, sem pronunciar.

Mas não sem dizer! Que se diga, função que o passador atualiza com sua presença e sua voz, para que o ato analítico não fique esquecido na poeira amorfa que cedo ou tarde vai cobrir os continentes.

III. OS EFEITOS DO PASSE NA CURA

PASSE E FIM

Roser Casalprim

*O fim da análise é quando se deu duas voltas, isto é, quando se achou aquilo de que se está prisioneiro. Recomeçar duas vezes a volta em círculo, certamente não é necessário, basta que se veja de que se está cativo, e o inconsciente é isso. É a face de real - talvez se tenha uma ideia do que chamo o real depois de ter-me escutado inúmeras vezes - à qual se está peado*⁶⁰.

Vou centrar-me em alguns elementos de reflexão e interrogações que o tema sobre o passe e sua relação com o fim me suscitou e que se reatualizou para mim a partir da experiência no CIG.

1- O título mesmo da mesa já implica ao menos uma primeira consideração: o passe tem efeitos na cura, mas de quem? Do passador? Do passante? Tem efeitos na sua prática, se a exercem? Que transitar pelo dispositivo do passe tem efeitos na cura dos passadores, eles mesmos o dizem em seus escritos. Que fazer o passe tenha efeitos na cura do passante, o conhecemos a partir de alguns testemunhos dos passantes que decidiram realizar o passe, sem ter alcançado o fim; foram nomeados e continuaram sua análise até o final. Da mesma forma, há alguns casos em que os passantes, depois de haver realizado a experiência, retomaram a análise. Outros sujeitos podem terminar a análise e não dar o passo do passe ou fazê-lo bastante tempo depois. Por tanto, podemos dizer que o passe não implica o fim e o fim não implica necessariamente o passe. Também poderíamos haver intitulado esta mesa

⁵⁹ *Ibid.*, p. 58.

⁶⁰ Lacan, Jacques. O Seminário, livro 25: *O momento de concluir*. Inédito. Lição de 10 d dezembro de 1978. Tradução de Gerbase, Jairo. <http://www.campopsicanalitico.com.br/media/1091/ler-escrever-e-contar.pdf>

“Os efeitos do passe depois do fim da cura” ou simplesmente “Os efeitos do passe”. Temos – entre outros – exemplos recentes disso: refiro-me à reflexão de Julieta De Battista no Pré-texto⁶¹ a respeito dos efeitos do passe enquanto um “*outro saber fazer*” com os restos sintomáticos – o incurável – e sua relação possível com o desejo do analista. Talvez podemos falar também do passe como uma forma de precisar o “resto”.

2 – Embora a clínica do passe e o que leva alguém a realizar a experiência seja variado, parece que em nossa Escola há uma tendência que vai na direção de uma identificação entre passe e fim, quer dizer, majoritariamente, os sujeitos se oferecem ao passe depois de haver finalizado a análise, essa tem sido minha experiência no período 2016/18.

Por outro lado, este tema incide também em todos os atores que intervêm no dispositivo e, como consequência, na nomeação. O que orienta o cartel? O que se nomeia? E, em função de que se decide a nomeação?

A respeito da tendência a que aludia, é talvez um efeito *da doxa* circulante do momento, no sentido do que constitui autoridade no discurso⁶², efeito, por sua vez, da dificuldade de acabar de apreender de que se trata neste salto epistemológico que dá Lacan a partir da nova formulação do real fora do simbólico? Talvez seja um efeito da dificuldade de localizar o momento de passagem ao analista?, ou, como sustentava, a modo de hipótese, Izcovich: “Fazer um uso do dispositivo do passe a fim de avaliar o fim de análise, é uma deriva que resulta da busca por suprir com critérios do final, a dificuldade de cernir o desejo do analista?”⁶³.

Não faz muito tempo, Colette Soler descreveu a situação atual, dizendo: “[...] Só que nosso dispositivo, tal como ele funciona de fato, não é focalizado na virada de passe, nem nos passadores, nem nos cartéis, nem no discurso geral da Escola”.⁶⁴ Por quê? Será que é necessário ter alcançado o fim para que, quem quiser, faça a experiência do passe?

3 – De que se trata, então, no passe? De estar ao final, de estar no final ou...?⁶⁵ O que interroga o dispositivo?

Pelo que entendo, Lacan não cessou de se perguntar: o que é um analista? O que deve operar na cura para que se produza um analista?⁶⁶. É por isso que propôs o dispositivo do passe com a ideia de que pudesse ser avaliado através de uma experiência diferente daquela da cura. Sua finalidade era que no dispositivo se tentasse localizar alguns índices ou alguns signos diferenciados que permitiriam reconhecer “*a marca*” da produção de um analista, ainda sabendo que está em jogo algo da ordem do impossível e do intransmissível. Pareceu-lhe que o melhor era que o passante testemunhasse a uma dupla de passadores, já que considerou que o passador pode aportar certa luz entre as sombras, se não se faz de tela.

Tal como se tem comentado frequentemente, há talvez várias vias para abordar o passe a partir das diversas indicações que podemos encontrar nos textos de Lacan e que parecem haver permanecido abertas. Hoje vou me referir brevemente ao extraído sobre a concepção do passe nos textos fundadores. Deixo para outra ocasião a abordagem de suas elaborações posteriores, as quais, ao meu entender, não invalidam as precedentes. Me centrarei no momento do passe como passagem ao analista – a partir da função desejo de

⁶¹ De Battista, Julieta. *Advento do desejo do analista*. Pré-texto 11, X Cita de la Internacional de los Foros, Julio 2018. <http://champlacanian.net/public/docu/4/rdv2018pre11.pdf>

⁶² A esse respeito, ver as reflexões de Albert Nguyễn sobre esse tema em “Passe e doxa: o problema”.

⁶³ Izcovich, Luis. “Pase y fin de análisis”, 2008.

⁶⁴ Soler, Colette. O passador: abordagem clínica In: *Wunsch 18*. Boletim internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, junho 2018, p. 55. <http://champlacanian.net/public/docu/4/wunsch18.pdf>

⁶⁵ Demoulin, C. El pase como compromiso en el discurso analítico, texto apresentado no Encontro Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano, 1 a 2 de julho de 2000.

⁶⁶ Ver a este respeito as reflexões de Albert Nguyễn a propósito do tema em “Pase y doxa: el problema”.

analista – que se distingue do fim de análise propriamente dito. É a via primeira que toma Lacan no início da fundação de sua Escola, que é solidária do *recrutamento* dos analistas pelo discurso analítico e não pelo discurso do mestre, em contraposição à IPA.

Tanto na Proposição como no discurso da EFP, parece haver ao menos um argumento para assinalar a convergência entre passe e fim – como se Lacan quisesse enlaçar esses dois momentos. Cito: “o término da psicanálise [...] é, com efeito, a passagem de psicanalisante à psicanalista”⁶⁷. “[...] o passe é o ponto em que, por haver dado conta de sua psicanálise, o lugar que o psicanalista ocupara em seu percurso, alguém dá o passo de ocupá-lo”⁶⁸, embora ao mesmo tempo evocará aquilo: “para uma retomada do bastão de psicanalisante”⁶⁹. Assim, também há outras indicações que permitem considerar que não há identificação ou “confusão”⁷⁰ entre ambos, mas se trata de dois tempos distintos no curso de uma análise. O passe, então, se estabelece como uma experiência em curso da qual resta ainda esperar o que possa sair dela e, em consequência, há uma distância entre o passe e o fim. A partir desta perspectiva, o acento estaria posto no que opera na cura no ponto de deslocamento entre a posição analisante e a do analista, ou seja, no momento de virada em que o analisante possa estar apto para o ato analítico e que se possa fazer representante do objeto *pequeno a*. Isto não é equivalente a instalar-se profissionalmente, mas diz respeito à relação com o ato analítico, esse último sustentado no manejo da transferência e na interpretação. Podemos entender a teoria do passe, neste momento, como uma passagem que pode contribuir para impulsionar o final. Dito de outro modo, o passe como uma antecipação do fim ou como uma condição ou “um caminho até o final”⁷¹, marcado pela entrada no trabalho do luto que se prolonga até seu término, que às vezes pode ser longo. Aqui se trataria, pois, de estar no final, não ao final. É importante também ressaltar que esse momento de virada ou de “*metamorfose*” está vinculado com o momento da “*virada*” [ζοζοβρα] da segurança que se obtinha da fantasia, a destituição subjetiva, a queda do *sujeito suposto saber* (não com o fim da função do analista, nem a identificação ao sintoma, quer dizer, com o impossível de transformar dele).

4 – Vejamos algumas formulações de Lacan que ilustram o ponto de vista que estamos tratando:

Na “Conclusão das Jornadas de novembro de 1975”, diz que “aquele que se propõe ao passe [...] se ofereça a este estado de objeto que é ao qual o destina a posição de analista”. Também, na “Conferência da Universidade de Yale” do 24 de novembro de 1975, dirá que o passe “consiste em que, no ponto no qual alguém se considere suficientemente preparado para ousar ser analista, possa dizer a alguém de sua geração, um par [...] o que lhe deu vigor para receber as pessoas em nome da análise”⁷².

⁶⁷ Lacan, Jacques (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 257.

⁶⁸ Lacan, Jacques (1967). Discurso na Escola Freudiana de Paris. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 282.

⁶⁹ *Ibid.*, p. 271.

⁷⁰ Termo usado por Patrick Barillot em “Passe et fin d’analyse”, Wunsch n° 2, nouvelle série.

⁷¹ Com respeito a esse ponto, ver as reflexões de Antonio Quinet em “A *variedade* do passe”, intervenção no I Encontro Internacional de Escola, Buenos Aires, agosto de 2009, Wunsch 8, abril 2010, pp. 14-18 e também Pierre Bruno, “P no es igual a F” publicado em Link n° 7, junho 2000 e também em Eds. S&P p. 85-95.

⁷² Tomei a referência de ambas Conferências do texto de C. Demoulin, *op.cit.*

Interroga, assim também, “o momento de compromisso na prática” e de como “autorizar-se dignamente”⁷³. Da mesma forma, em “Televisão” (1973), já havia definido o passe como “o exame do que faz um analisante colocar-se como analista”⁷⁴.

5 – Sobre esta questão e a respeito dos passes escutados nos cartéis dos quais tenho participado, cabe apenas destacar que foi possível verificar – fundamentalmente, em um caso em que o passante foi nomeado – uma lógica particular que, como efeito da cura, possibilitou ao passante dar o passo para autorizar-se como analista, um ato que não será nem uma passagem ao ato, nem um *acting-out*.

6 – Termino dando um salto, com uma abordagem de Michel Bousseyroux, que me parece muito interessante para seguir pensando o passe e a psicanálise. É em 1977 que Lacan dirá que “no passe, temos que nos haver com o real do nó borromeano, só poderíamos nos haver com ele no escuro”, agregando que, tal como o caracteriza Lacan nesta época “é o lugar onde seu real só se atesta disso pelo corte” e que “por atestá-lo, o cartel do passe só dispõe da tesourada de uma nomeação”, “Mas se o passe é justamente topar com isso, [...] é preciso ainda que no entardecer da análise saibamos, à luz do dia, escrever esse nó – e, portanto, refazê-lo”⁷⁵.

Isso me conduziu a pensar o novo paradigma introduzido por Lacan do nó borromeano como um instrumento para seguir pensando a experiência, tanto do passe como da cura. Pelo lado do passe, para seguir abordando esse impossível e intransmissível que atravessa todo o dispositivo, ou seja, para tentar aportar alguma luz às sombras. E, se assim for, que novos esclarecimentos ele pode dar para abordar a teoria de Lacan sobre o passe? Seja como for, parece que as sombras seguem estando presentes.

Levantei aqui certos pontos que gostaria de seguir desenvolvendo mais adiante.

Tradução: Ingrid Figueiredo
Revisão da tradução: Sandra Berta

Qual saber no passe?

Patrick Barillot

Temos um debate em nossa comunidade sobre as relações entre o passe, a virada do passe e o fim de análise. Ele não é novo, somos atravessados por divergências sobre o par “passe” e “fim”, sem que eles tenham realmente sido erigidos como um problema epistêmico.

De que se trata?

A questão pode ser formulada assim: as últimas conceituações de Lacan acerca do fim da análise têm uma incidência sobre aquilo que é o momento do passe na análise?

⁷³ Expressão utilizada por Lacan na Encerramento das Jornadas de novembro de 1975, versão extraída da internet.

⁷⁴ Lacan, Jacques (1974) Televisão. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 530.

⁷⁵ Bousseyroux, Michel. O pase pelo borromeano. In: *Wunsch 14*. Boletim internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, dezembro 2014, pp. 68-71.

<http://champlacanianet/public/docu/4/wunsch14.pdf>

Como essas últimas elaborações nos trazem novas definições do inconsciente, do sintoma, dos gozos e da relação de cada um com a língua que o nó borromeano permite organizar numa nova topologia, podemos nos perguntar sobre as possíveis consequências disso para o passe.

Em outras palavras, com um inconsciente real, lugar do Outro feito de Uns que se gozam, o sintoma como acontecimento de corpo e gozo de uma letra do inconsciente; o momento de passe – tal como Lacan o define em sua “Proposição sobre psicanalista da Escola de 1967” – se deslocou no decorrer da análise até finalmente atingir o fim, seja ele definido como identificação com o significante fora de sentido do sintoma, ou aparição de uma satisfação de fim?

A experiência dos cartéis do passe nos dá uma indicação da doxa de nossa Escola sobre esse ponto, na medida em que ela objetiva a ideia de que passe e fim são da mesma ordem.

Com efeito, a esmagadora maioria dos passantes se engaja no dispositivo ao terminar sua análise, e muitos são os passadores que esperam sua análise ter terminado antes de pensar em fazer o passe.

Colette Soler recentemente formalizou essa problemática do passe e do fim numa intervenção intitulada “O passador: abordagem clínica” pronunciada em setembro de 2017, e publicada no último “Wunsch n.º. 18”⁷⁶.

Ela se perguntava se há uma ou mais concepções do passador nas construções de Lacan, especialmente com o “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11”, de 1976, que trata do fim da análise.

Sua conclusão é categórica: “A queda do analista como sujeito suposto saber não é o fim de sua função”,⁷⁷ e, portanto, não é o fim da análise, e que esse texto de 1976, que não fala explicitamente do passe, o pressupõe sem nada nele mudar.

Minha questão é diferente, mas não deixa de ter relação com a anterior: a virada do passe, definida tanto na “Proposição de 1967” quanto em “O aturdido”, de 1972 pela queda do sujeito suposto saber, permanece a mesma nos textos subsequentes, dentre os quais “Introdução à edição alemã dos Escritos”, de outubro de 1973, e os seguintes?

Não deixa de ter relação, pois se perguntar se há várias concepções do passador em Lacan é também se perguntar se há várias concepções da virada do passe, o passador sendo o passe⁷⁸, isto é, no passe

A virada do passe definida na “Proposição” e em “O aturdido” apoia-se num tripé clínico: destituição subjetiva, travessia da fantasia e vislumbre do objeto que, na fantasia, se imaginava ser para o Outro traumático.

Nessa virada, a segurança que se tinha com a fantasia vacila por meio do luto desse objeto que éramos para o Outro. O analista também sofre as consequências dessa metamorfose do sujeito. De parceiro suposto saber “se esvaece, por já não ser mais do que

⁷⁶ Soler, Colette. (2018). O passador: abordagem clínica. In: *Wunsch n.º 18*. IF-EPFCL, 2018, pp. 53-56. <http://champlacanien.net/public/docu/4/wunsch18.pdf>

⁷⁷ *Ibid.*, p. 55.

⁷⁸ Lacan, Jacques (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2003, p. 260. “*Donde se poderia esperar, portanto, um testemunho correto sobre aquele que transpõe esse passe, não de um outro que, como ele, o é ainda, esse passe, ou seja, em quem está presente nesse momento o desejo em que seu psicanalista conserva a essência daquilo que lhe é passado com um luto, com isso sabendo, como qualquer outro na função didata, que também para eles isso passará?*”.

o saber vão de um ser que se furta”.⁷⁹ Nesse movimento, que assim leva ao deder do analista suposto saber, rebotalho da operação, emerge para o analisante o impossível a dizer do objeto *a* como causa do desejo.

Estamos, então, no término da relação de transferência marcada pela queda do sujeito suposto saber, sem que por isso o analisante tenha encerrado o assunto com seu analista.

Essa relação de transferência é aquela de um amor que se dirige ao saber, mas é um saber sobre a verdade do sujeito, sobre as significações do sujeito que viriam a explicar o motivo de seus sintomas.

No passe, o analisante experimenta os impasses dessa verdade, que não pode dizer tudo sobre o gozo e que mente com relação ao real em jogo.

Minha questão é a seguinte: a queda do sujeito suposto saber a verdade é também a queda do sujeito suposto ao saber inconsciente? Seria esse o fim daquilo que Lacan chama, em “Introdução à edição alemã dos Escritos”: “da suposição de um sujeito no saber inconsciente, ou seja, no ciframento”?⁸⁰ Seria o fim na crença de um sujeito ao saber inconsciente?

Parece-me que não se trata da mesma coisa, e que o passe abre caminho para outro saber sobre a estrutura, para o vislumbre de um saber, o do inconsciente sem sujeito, feito dos uns gozados de *lalangue*, fora de sentido, e, portanto, real. Passar do sujeito do inconsciente ao inconsciente sem sujeito obriga a alguns rearranjos.

Podemos distinguir duas fases na análise, duas etapas – o que Lacan faz.

A primeira fase é uma elucubração de saber sobre o impossível a dizer do objeto *a*.

Isto é, creio eu, o que justifica que Lacan pergunte em “L’insu...”: “se a psicanálise não é aquilo que se pode chamar de um autismo a dois”?⁸¹ Ele responde que ela não é porque a questão comum a ambos, analista e o analisante, é *lalangue*. É por *lalangue* que ambos podem ser fazer ouvir. Esta é uma tese que penso ser original e que tentarei apresentar.

O analisante fala de sua verdade de sujeito e, como vimos, ela não pode dizer tudo sobre o gozo, uma verdade que toca ao real que ele não pode dizer.

O Outro falante, segundo Lacan, é o corpo, “mistérios do corpo falante”, diz ele em “Mais, ainda”. Se o corpo fala é por meio do acontecimento de corpo que é o sintoma, que fala diferente do sujeito, que fala *lalangue* do inconsciente. Em “L’insu...” ele dirá que “nas associações livres, o que não cessa de se escrever e que faz obstáculo à verdade é o sintoma”.⁸²

Isto é, que de tudo o que o sujeito pôde articular, resta o saber sem sujeito, alheio à verdade do sujeito, mas não ao corpo de gozo.

A segunda etapa mobiliza também o amor de transferência.

Se o amor da transferência, sempre amor que se dirige ao saber, é um “sentimento que assume aí uma forma tão nova”,⁸³ como ele se expressa em “Introdução à edição alemã dos Escritos”, é porque o analisante dá a si mesmo um parceiro que tem a chance de

⁷⁹ *Ibid.*, p. 260.

⁸⁰ Lacan, Jacques (1973). Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos *Escritos*. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 555.

⁸¹ Lacan, Jacques (1976-77). *O Seminário, livro 24: L’insu que sait de l’une-bévue s’aile à mourre*, inédito. Lição de 19 de abril de 1977.

⁸² Lacan, Jacques (1976-77). *Le séminaire, livre 24: L’insu que sait de l’une-bévue s’aile à mourre*, inédito. Lição de 19 de abril de 1977.

⁸³ Lacan, Jacques (1973). Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos *Escritos*, op. cit., p. 555.

responder. O que não é o caso nas outras formas de amor. Sabemos bem disso. E cabe ao analista fornecer essa resposta.

Como ele responde? Por meio da interpretação, respondemos nós. Certamente sim, mas para que não seja um autismo a dois, é preciso levar em conta “só haver comunicação na análise por uma via que transcende o sentido”.⁸⁴

A via que transcende o sentido é a comunicação por *lalangue*. É porque o analista faz uso de *lalangue* e de seus equívocos, o que não é somente efeito de sentido e *jouissance* [gozo-sentido], que o analista responde à *lalangue* que fala o corpo. Ele responde aí por um efeito de sentido que toca o real do sintoma, coalescência de um acontecimento de corpo e de um Um de *lalangue*, ele responde aí não pelos sentidos, mas pelo sonoro do significante.

O que nos assegura, então, que essa comunicação ocorreu, já que a interpretação nesse nível é sempre arriscada.

O que objetiva essa comunicação é a eficácia da interpretação, ou seja, o efeito terapêutico.

O efeito terapêutico sobre o sintoma demonstra, no final, que cada um não está em sua bolha.

Desse saber sobre a estrutura desse lugar do Outro, o inconsciente que é sem sujeito, o analisante poderá ter ideia, o vislumbre “quando o esp de um laps — ou seja (...) o espaço de um lapso — já não tem nenhum impacto de sentido”⁸⁵ dado que, segundo o que ele nos diz no “Prefácio”, neste momento, “temos certeza de estar no inconsciente”.⁸⁶

Em resposta à minha questão, diria que as últimas elaborações de Lacan não recolocam em questão aquilo que ele dizia sobre o passe em sua “Proposição de 1967”, mas que elas a completam.

Duas fases na análise e se balança de uma para a outra. O passe é também uma forma de se equilibrar estembrulhada,⁸⁷ ainda no “Prefácio”, entre verdade do sujeito e o real fora de sentido do sintoma.

Quanto ao término da análise, será preciso um certo equilíbrio entre os dois polos para alcançar essa satisfação que marca o fim.

Tradução: Cícero Oliveira
Revisão da tradução: Sandra Berta

Faz falta tempo

Clara Cecilia Mesa

Tomo como referência o tema proposto para esta mesa de trabalho, a saber: “Incidências do passe na cura”. É um título que reverte a lógica clássica, que poderia ser:

⁸⁴ *Ibid.*, p. 555.

⁸⁵ Lacan, Jacques (1976). Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 571.

⁸⁶ *Ibid.*, p. 571.

⁸⁷ *Ibid.*, p. 571.

incidências da cura no passe, e que deriva de sua própria lógica, qual seja, assim como os avatares de uma cura, os movimentos subjetivos, os avatares da transferência podem ser postos à prova no passe. Esta reversão vai além da particularidade das curas, uma por uma. Nos leva a considerarmos o passe como a colocação à prova do surgimento do analista como produto de uma análise terminada, e como esse surgimento implica o advento do desejo do analista do qual depende sua função na direção das curas.

Me proponho a avançar sobre uma experiência específica que derivou de minha participação em alguns cartéis do passe, e que me permitiu ver um fenômeno que chamou minha atenção, particularmente por ter se apresentado algumas vezes. Ela consiste nos testemunhos apresentados por alguns passadores por escrito e subintitulado com eixos pré-estabelecidos por um tipo de doxa do final de análise: travessia do fantasma, queda do sujeito suposto saber, identificação ao sintoma, surgimento do desejo do analista, aparição do entusiasmo, instalação, precedidos geralmente da neurose infantil e as variações terapêuticas produzidas pela análise.

A surpresa tem a ver com o fato de sabermos bem que o passador, placa sensível, não necessita transcrever textualmente a mensagem que recebeu do passante, não é o emissor que leva a mensagem ao receptor, tampouco tem como função realizar um exercício de teorizador, pois é esta a função que Lacan atribui ao cartel do passe, o qual, como ele o diz na “Proposição de 67”, “não pode abster-se de um trabalho de doutrina”⁸⁸

Me pergunto então se não se instalou, implícita, um tipo de doxa que anima as experiências do passe, o que não se dá sem o conhecido risco da produção de uma standardização do passe. Isso, não do lado dos cartéis do passe, ou seja, do lado sobre o qual recaiu geralmente a suspeita, já que algumas vezes se tem questionado se o cartel do passe se orienta por uma teoria, ou uma doxa, uma espécie de check-list, na hora de dizer uma nomeação ou uma não-nomeação. Porém, esta experiência que ponho em consideração nos situa do outro lado, aquele de onde passa e se elabora o testemunho, seja o passante ou os passadores, com o qual se pode reformular a pergunta: por acaso esse saber ordenador do testemunho, que bem pode levar implícita a vontade de ajustar a experiência própria aos ideais da Escola, e talvez por isso mesmo, nestes casos, como em todos os que se joga na dimensão do ideal, não seria um saber que obtura o encontro em lugar de contribuir para demonstrar as condições analíticas que permitiram a passagem? Talvez Lacan tenha vislumbrado a possibilidade de que isto poderia acontecer, quando na Gran Motte ele diz: “se se limitou a fazer para que outros se deem conta, isto é pouco frente ao que se revelou a ele na experiência analítica.”⁸⁹

Isto sem dúvida põe em questão as relações entre fim de análise e passe, e mais precisamente entre concepção de fim de análise e concepção de passe, assunto muito importante a revisar, pois a experiência de Escola repousa na conjuntura em que o passe opera como prova da Escola. Então, o saber precede o passe? Ou ainda, o saber se constrói como efeito do passe como experiência? É todo o problema que circunda este assunto. Do qual derivo duas perguntas: a primeira, qual é o lugar da teoria no dispositivo? E a segunda, há um tempo oportuno para a participação nele?

⁸⁸ Lacan, Jacques (1967) Proposição de 9 de outubro de 1967. in Outros Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. Pág. 261

⁸⁹ Lacan, Jacques Sobre a Experiência do Passe e de sua transmissão, 3 de novembro de 1973, apresentada no Congresso da Grande Motte e publicada em “Lettres de l'École freudienne” #15 junho de 1975 (p.185-193). Em espanhol foi publicada em *Ornicar? 1* (p.31-40) pág. 37. Em Português está publicada na Revista de circulação interna da Escola de Psicanálise Letra Freudiana – *Documentos para uma Escola II* – Lacan e o Passe. p. 58. “*Se ele não fez mais do que aprender a ensinar como fazer para que outros além dele se apercebam disso, é pouca coisa diante do que se desvendou a ele na experiência analítica*”

A respeito do primeiro ponto, o problema está situado na distância entre doutrina e doxa. Pela primeira vez entendo o lugar que teve, na psicanálise lacaniana, toda a elaboração que Lacan realizou para mover o limite encontrado por Freud em sua pergunta sobre se as análises são ou não termináveis. Lacan constrói uma doutrina desde o começo até as formulações dos últimos anos para tentar dar conta das coordenadas que determinam o final de análise, passando pela proposição do passe e sua articulação às garantias da Escola em 67 e seguindo com as elaborações dos anos 70 com a formulação do Inconsciente Real (ICSR). Todo um trabalho que não é diacrônico, o que implicaria pensar que cada nova formulação declara caduca as anteriores, mas uma teoria que está construída em tempos lógicos. O risco de supor o anterior foi advertido por Luis Izcovich na “Wunsch 11”, em seu texto “A doxa e a comunidade de Escola”, no qual diz: “ao isolar as formulações do último Lacan e considerá-las como o único ponto de orientação na teoria, se consolida uma doxa que não é sem consequências para o testemunho dos passantes, para a elaboração dos passadores, e que condiciona mesmo a escuta dos cartéis”.⁹⁰ e surge a pergunta se esse saber pré-estabelecido e fixado não termina condicionando as nomeações, o que por sua vez implica a uma sorte de “infiltração insidiosa da ideia que uma comunidade faz de um AE”⁹¹

O problema então se situa no risco do passo do “insu” ao saber S2 sabido que como doxa se instaura como um significante amo no coração mesmo da Escola, substituindo o furo estrutural, tampando-o. Então a doutrina é essencial no dispositivo, o que já evoquei no começo. Não obstante, é necessário saber como servir-se dela. Serve para dar os princípios que orientam a Escola, como um GPS de navegação, porém não a determina. E isto se verifica porque, tendo cada membro do cartel uma concepção precisa sobre a psicanálise, que ele tem derivado de sua própria análise, de sua clínica e seu trabalho na Escola, contudo cada passe é uma experiência impactante que a põe em questão. Não é a teoria que se aplica a um caso. É como cada passe, um a um, nos ensina. Este movimento evidentemente dá ao testemunho uma função epistêmica fundamental. Porém também não é suficiente. A única expectativa possível para o cartel é a de tratar de achar uma resposta à pergunta sobre como e porque deu o passante o passo que o colocou no lugar de analista.

Sabemos que aquilo que Lacan se propõe com o passe é um recrutamento dos analistas por meios diferentes aos do grupo, recrutá-los como “um tipo bem diferente de indivíduos, suscetível de mudar inteiramente, não certas estruturas fundamentais, mas a natureza do discurso”⁹². Um passo do discurso do mestre, no qual o saber está reduzido a tornar-se uma mercadoria⁹³, ao discurso analítico, no qual o saber é produto da experiência.

Assim Lacan fala oito anos depois da “Proposição”: “um recrutamento verdadeiro se fosse instaurando esse modo de inquérito que é o passe. Com efeito, o passe permite alguém que pensa poder ser analista, a alguém que se autoriza por si mesmo ou que está prestes à fazê-lo, comunicar”⁹⁴ depois de ter feito uma análise, destaco essa premissa, depois de ter feito uma análise, “o que o fez decidir-se...”⁹⁵ ou dito de outra maneira, “por que motivo alguém aceita esse risco louco de tornar-se o que é esse objeto “a”⁹⁶. Se destaco a premissa que Lacan atribui a sua pergunta é porque, a princípio, para Lacan não havia uma continuidade entre

⁹⁰ Izcovich, Luis. A doxa e a comunidade de Escola. Wunsch 11. Boletim internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, outubro 2011, pág. 49. <http://champlacanian.net/public/docu/4/wunsch11.pdf>.

⁹¹ *Ibidem*.

⁹² Lacan, Jacques. Sobre a experiência do passe. In: *Revista Documentos para uma Escola II – Lacan e o Passe*. Circulação interna da Escola de Psicanálise Letra Freudiana, p. 54.

⁹³ *Ibid.*, p. 55.

⁹⁴ *Ibid.*, p. 55.

⁹⁵ *Ibid.*, p.55.

⁹⁶ *Ibid.*, p. 57.

final de análise e surgimento do desejo do analista. É disso que há de dar prova, não de haver terminado a análise, senão por quê, e apesar disso, decidir ocupar o lugar de analista. Lacan levantou as coisas nestes termos na “Nota Italiana”: “é bem possível que tenha havido análise, mas analista, nenhuma chance”⁹⁷. Essa transformação do discurso é a que opera o passo de analisante a analista. Então, é evidente, não é a hystorização da análise, condição *sine qua non*, claramente, mas a hystorização do momento conjuntural do vir a ser analista. Na “Proposição”, Lacan esperava do dispositivo que nos permitisse “Essa sombra espessa que encobre a junção de que me ocupo aqui, aquela em que o psicanalisante passa a psicanalista, é ela que nossa Escola pode empenhar-se em dissipar”⁹⁸ e esta tarefa também para a Escola.

A título de segunda consideração sobre a pergunta que formulei no começo, a respeito de se efetivamente o passe como experiência contribui com um ganho de saber sobre o indizível, retomo uma pergunta de Lacan no texto “O Discurso sobre o passe”, onde ele se pergunta “O passe pode efetivamente pôr em evidência, para aquele que se oferece a ele, como pode fazê-lo um relâmpago, com uma iluminação bem diferente, uma certa parte de sombras de sua análise? É uma coisa que diz respeito ao passante”⁹⁹, acrescenta. O que dizer disso? Por acaso não significa justamente que não se chega ao passe como o saber acumulado pela elaboração de um longo tempo de análise, mas que o passe, ele mesmo, pode fazer operar uma luz nova sobre as sombras do indizível que a própria análise deixou?

Uma pré-elaboração do testemunho é talvez uma tentativa de fazer passar pelo imaginário, o real indizível, constituindo-se em um testemunho afastado da dimensão do encontro, colocado a salvo da novidade, do frescor, e até da dimensão da experiência, para retomar algumas das declinações que Lacan dá à moção de tempo que corresponde ao passe: o esp de um laps... que permite saber que se está no inconsciente, “mas basta prestar atenção para que se saia disso. Não há amizade que esse inconsciente suporte”¹⁰⁰. O que, devendo servir-se da *Tyqué*, se reproduz como *automathón*. Definitivamente, o passe só poderia ser julgado pelo esforço de apreensão daqueles que, ao ter-se exposto a ele, viveram dele a experiência, e a experiência quer dizer que a dimensão do real está implicada.

Então me pergunto se não há uma espécie de precipitação ao passe, como um tipo de precipitação do momento de concluir anterior ao tempo de compreender, e se o passo ao passe pode ainda esperar... A destituição do Sujeito suposto Saber, a queda do sentido, não é o momento de concluir, nem o momento da autorização. Ela pode facilitar o passo ao funcionário, ou a autorritualização. Por que não? Pode constituir o fim da satisfação própria da elucubração do inconsciente, porém não o passo à autorização no sentido do “não se autorizar mais que de si mesmo”. É a virada que abre a questão do ser, é o cessar da insistência do que se atribuiu ao Outro, à história biográfica. Porém ainda falta outro tempo para que o analisante possa encontrar-se com as marcas do gozo que não devem nada à verdade. O efeito desta virada não é o entusiasmo mas o “horror de saber”, e é necessário um tempo a mais para que seja possível que, mais além dos efeitos terapêuticos da análise, e mais além do horror de saber¹⁰¹, seja possível dar prova de que “apesar disso” queira-se ocupar o lugar do objeto “a”, do desejo, do desperdício, como causa de uma análise para

⁹⁷ Lacan, Jacques (1973). Nota Italiana. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003. Pág. 313

⁹⁸ Lacan, Jacques (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 258.

⁹⁹ Lacan, Jacques (1973). *Sobre la experiencia del pase*, *op.cit.*, p. 57.

¹⁰⁰ Lacan, Jacques (1976). *Prefácio à edição inglesa do Seminário 11*. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 567.

¹⁰¹ Lacan, Jacques (1973). Nota Italiana. *Op.cit.*, p.313.

outros. Lacan distingue muito claramente o “desejo do analista do desejo de ser psicanalista.”¹⁰²

Se não há passe tipo, nem final tipo, também, com relação ao tempo, não podemos dizer que haja um tempo que meça o passo da queda da função da verdade mentirosa ao passe. Há toda uma gama de variações entre as quais se pode incluir a detenção ou prolongamento do tempo do fim, a desaceleração dos “lutos intermináveis que podem levar a passes sem fim”¹⁰³ ou inclusive um tempo longo entre fim de análise e passe, tempo necessário para enrolar o rizo, porém também a precipitação antecipada.

Não há, pois, continuidade necessária entre fim de análise e passe. Não há continuidade entre análise e advento do analista, como advento do real. Assim entendo a formação do analista proposta por Lacan, que se move entre o longo tempo que dura uma análise e o ato do advento do analista. O analista advém do trabalho com o inconsciente Real.

Tradução: Glaucia Nagem
Revisão da tradução: Sandra Berta

IV. DE UM DISCURSO AO OUTRO, GARANTIAS E IMPASSES

“Do impasse de um discurso ao Dizer Outro: um salto”

HÁ ALEGRIA! [YA D’LA JOIE¹⁰⁴]

Dominique Touchon Fingermann

“ se é preciso o discurso analítico e seu vazio determinante para olhar nossa alegria de frente... não é para ceder, em seguida, à esferofilia [*sphérophilie*] de esperar que a ‘roda’ dos discursos faça consistir um universo que não existe, mas somente para permitir ao analista saltar, mais livremente, de um discurso ao outro”.¹⁰⁵

¹⁰² Lacan, Jacques (1967). *Discurso na Escola Freudiana de Paris*. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 276.

¹⁰³ Bousseyroux, Michel. A rolha do real e desimpedimento de análise. In : *Wunsch 10*. Boletim Internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, janeiro 2011, p. 42. “*Assim, como existem lutos intermináveis, é concebível que possa haver passes sem fim*”.

¹⁰⁴ Trénet, Charles. *Ya d’la joie*, música de 1936.

¹⁰⁵ Pellion, Frédéric. Nota sobre a alegria. In: *Pre-textos*. X Encontro Internacional dos Fóruns – VI Encontro Internacional da Escola [IF-EPFCL], Barcelona, 13-16 de setembro de 2018 (Disponível em: <<http://xcita-ifepfcl.barcelona/pretextos-pr.html>>).

1. Em seu prelúdio “Nota sobre a alegria”, Frédéric Pellion me deu o tom de uma possível resposta à questão colocada por meu título.

Existe um impasse próprio para cada discurso, e ele procede do fato de que a verdade que o inaugura não se reencontra totalmente naquilo que ele produz; este impasse pode lançar mão do recurso a outro discurso para se aproximar melhor daquilo que permanece inalcançável. Não há continuidade de um discurso ao outro – saltar é preciso. O discurso do analista escreve este salto, pois é o objeto *a*, enquanto falta que causa fundamentalmente este passe de mágica que, no final, produz um Um que pode se sustentar sozinho, o que renova seu laço com o Outro.

É este salto do Um sozinho, não-sem-o-outro, que pode, em seguida, “permitir ao analista saltar, mais livremente, de um discurso ao outro”. *Y A D’LA JOIE* [Há alegria], como quem diria *Y A D’L’UN* [Há um]. Há alegria quando passa o analista, depois de um salto sempre mais ou menos perigoso. Essa graça da colocação em função “do analista” pode conferir, porque não?, ares de saltimbancos, mas, sobretudo, nos dá a graça de algumas satisfações em nossos dispositivos, nossas comunicações, nossos laços no grupo analítico, nossos achados que beiram o lance do real. Acontece!

Ou pior... isto é, ruminar e se atemorizar com os impasses do grupo (“as intrigas entre os analistas”¹⁰⁶), ou, de forma mais geral, diante dos impasses do sujeito suposto saber e sua equivocação fundamental, ou até mesmo permanecer estupefato diante do horror do ato do qual Lacan, no entanto, nos adverte.

“Que alegria encontramos nós naquilo que constitui nosso trabalho?”¹⁰⁷ A questão de Lacan assim enunciada comporta uma afirmação. O que *constitui* nosso trabalho é o ato, e Há alegria [*Y a d’la joie*]: não há analista sem entusiasmo,¹⁰⁸ não há analista que não saiba dar satisfação aos casos de urgência¹⁰⁹: alegria, entusiasmo, satisfação, não é somente uma questão de humor, mas uma questão de ética, da qual dependem as consequências lógicas da cura.

Esse afeto de passe causa efeito, o ricochete do Não Há [*Y A PAS*] ao Há Um [*Y a d’l’Un*], nas análises que conduzimos, no dispositivo do passe, na transmissão, em um cartel, toda vez que uma letra/carta [*lettre*] chega ao seu destino: um eco no em-corpo [*en-corps*] ressoa como se dissesse HÁ ALEGRIA [*Y A D’LA JOIE*].

2. Os discursos, por sua vez, são “aparelhos do gozo”¹¹⁰ que a estrutura do significante determina, e é um gozo sempre mais ou menos.

A estrutura do significante que determina os discursos faz laço de um ao outro, mas não faz relação sexual; mas poderíamos também dizer: o significante não faz relação, portanto, faz a laço.¹¹¹ É esse real que faz o mundo girar de um discurso ao outro. Seria preciso ainda levá-lo ao pé da letra [*le prendre au mot*]!

¹⁰⁶ Lacan, Jacques. (1972). Conférence à l’université de Milan (12 de maio de 1972). Paris: Édition La Salamandra, inédito. « ...le micmac entre analystes... »

¹⁰⁷ Lacan, Jacques. (1967). Alocução sobre as psicoses da criança. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 367.

¹⁰⁸ Lacan, Jacques. (1974). Nota italiana. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 313-314.

¹⁰⁹ Lacan, Jacques. (1976). Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 569.

¹¹⁰ Lacan, Jacques. (1972-73). *O seminário, livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 76.

¹¹¹ Lacan, Jacques. (1971-72). *O seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 101. “O discurso começa por haver aí uma hiância. Não podemos deter-nos nisso, quer dizer, eu me recuso a qualquer posição originária, mas, afinal, nada nos impede de dizer que é pelo fato de o discurso começar que a hiância se produz. Isso é totalmente irrelevante para o resultado. O certo é que o discurso está implicado na hiância, e que, como não existe metalinguagem, não pode sair dela”.

Cada discurso tropeça num *pas-de-sens* [sem-sentido), um impasse; o “produto” de cada “aparelho” falha a verdade do gozo, sua existência, que sustenta seu dizer inicial, e é outro discurso que revelará seu sentido tropeçado. Em cada um, algo sempre volta ao mesmo lugar, e faz com que isso não gire tão bem assim; para escapar do impasse ou do ronronar, é preciso saltar, dar esse “passo de real”¹¹² para que um Dizer outro produza um passo de sentido de forma outra,¹¹³ funde um outro discurso.

Há 4 “boas” maneiras de fazer isso, isto é, de um semblante ao outro, precipitar e ordenar um laço novo que desse sentido ao gozo: comandar, demandar o desejo, canalhar o astudado, enfim, causar, “interpelat o sujeito”.¹¹⁴

Se cada um dos discursos implica uma ética própria, é porque cada um deles propõe um tratamento do gozo, portanto do real, portanto do “não há” [*il n’y a pas*] que regula suas condutas. A ética do psicanalista coloca o saber no lugar da verdade, sua posição do inconsciente como real valida seu ato e constitui sua garantia.

O discurso psicanalítico, e o ato que o assigna, predisporiam à alegria... como é possível jubilar-se assim, fazendo-se de rebotalho?

A lógica de sua estrutura evidencia que a constatação do significante como Um Ímpar, permite passar ao ato e propor em seguida o objeto *a* como semblante que causa: “Na estrutura da equivocação do sujeito suposto saber, o psicanalista, no entanto, tem que encontrar a certeza de seu ato e a hiância que constitui sua lei”.¹¹⁵

É nesse passe de mágica que se ultrapassa o horror de topar com o saber sem sujeito, e se passa ao entusiasmo que faz ato. No século XVI, o “transporte divino”, que sugere a etimologia de entusiasmo, passa a denotar “o transporte e a exaltação do poeta sob o efeito da inspiração” e, no século XVII, “o ímpeto que impulsiona a agir com alegria”.¹¹⁶

Esse transporte inspira nosso ato que confere o impulso e o sopro àqueles que escolhem não mais somente suspirar, e que se engajam conosco nesse discurso onde quem comanda é esse objeto incômodo, rebotalho da humanidade.

É do impasse do sujeito suposto saber e do salto que ele implica que se funda a garantia que encontramos no Discurso do Psicanalista, ou seja, naquilo “que implica o discurso analítico, a saber, um uso um pouquinho melhor do significante como Um”.¹¹⁷

3. No mundo, nas curas, assim como no grupo analítico, os Discursos fazem a roda: um passo para frente, um passo para trás; tudo bem, desde que topem e tropecem em sua própria impotência, pois pior seria enviscar-se no Discurso do capitalista, que contamina todos os laços até fazer a roda descarrilar e bloquear “o aparelho de gozo” que regula os desejos.

Tropear com o real pode dar a eles a oportunidade de saltar, é uma chance, de pegar ou largar, de mudar de razão, uma chance de elevar, assim, a impotência ao impossível, isto é, dar “passo de real”.¹¹⁸ Há males que vêm para bem: “é somente ao acuar o impossível em

¹¹² Lacan, Jacques. (1970). Radiofonia. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 444.

¹¹³ Lacan, Jacques. (1972). O aturdido. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 481. “Percebe-se por aí que o sentido só se produz pela tradução de um discurso em outro”.

¹¹⁴ Lacan, Jacques. (1970). Radiofonia. In: *Outros escritos*, op. cit.

¹¹⁵ Lacan, Jacques. (1967). O engano do sujeito suposto saber. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 339.

¹¹⁶ Rey, A. *Le Robert – Dictionnaire historique de la Langue française*. Paris: Le Robert, 1995.

¹¹⁷ Lacan, Jacques. (1972). Conférence à l’université de Milan (12 de maio de 1972). Paris: Édition La Salamandra, inédito.

¹¹⁸ Lacan, Jacques. (1970). Radiofonia. In: *Outros escritos*, op. cit., p. 444.

seu último reduto que a impotência adquire o poder de fazer o paciente transformar-se em agente”.¹¹⁹

Esse “passo de real” que pode fazer passe, provém da responsabilidade do Discurso do Analista, é por esse viés que ele entrou na roda e é assim que ali permanecerá. O discurso do psicanalista revelou o sentido do discurso da histórica e dos outros em sua sequência; o não sentido, o impasse de sua louca esperança procede do real da estrutura por onde o ato do analista toma o lugar: “Note-se que esse passo (não), ele o estabelece pelo próprio ato com que propõe; e que é ao real de que esse passo (não) exerce a função que ele submete os discursos que põe no passo [pas] da sincronia do dito”.¹²⁰

Cada passagem de um discurso ao outro é um franqueamento, pois ela se produz a partir de sua impossibilidade revelada pela impotência de sua produção. Do pior ao dizer [du pire au dire] dizia Lacan; é esse real que faz um Dizer novo embarcar num novo amor, um novo laço, e funda a mudança de Discurso: “há emergência do discurso analítico a cada travessia de um discurso ao outro”.¹²¹

Quando o Dizer advém, ele é um acontecimento, um risco, pois é preciso saltar, sem qualquer garantia, mas nele se funda o discurso que aí segue.

Para saltar, é preciso suportar um instante de ficar suspenso no vazio. A natureza do humano tem horror ao vazio, mas o analista saltimbanco sabe fazer disso uma razão para si, que podemos escrever *raison*, como Francis Ponge, para disso recolher o eco. Além dos bancos onde os antigos gregos praticavam a usura e comércio de dinheiro, a despeito dos bancos do Capital, o analista saltimbanco dá piruetas ali interpretando “o que perdura de perda pura ao que só aposta do pai ao pior”,¹²² e suspira a torto e a direito, e poderia, no fim das contas, seguir o lance do real e nela encontrar um bom respiro.

Há alegria [Y a d’la joie] a partir do Discurso do Analista, pois ele deduz que, ao levar em conta o conjunto vazio, pode se nomear como Um.

As “intrigas entre analistas”, “a obscenidade do grupo”, os impasses do discurso que nos chateiam tanto, procedem do “real em jogo na formação analítica”.¹²³ Esse saber bem que poderia não ser esquecido; a Escola, ou seja, o passe sempre recomeçado, seria sua garantia. A lição do passe é que Há Um [Y a d’l’Un] pode fazer laço: isso desperta nossa curiosidade quando escutamos o que nos ensinam os AE. Isso poderia nos “inter-essar”¹²⁴ mais, e fazer laço inter-sintoma, como indica Soler,¹²⁵ pois, segundo o princípio retomado por Lacan, quanto mais santomens [sainthomes] somos, mais rimos.¹²⁶

“Enfim, essa chance, ponhamo-la sob o signo dos pequenos acasos – *mais, ainda*”.¹²⁷

¹¹⁹ *Ibid.*, p. 446.

¹²⁰ *Ibid.*, p. 444.

¹²¹ Lacan, Jacques. (1972-73). *O seminário, livro 20: Mais, ainda*, op. cit., p. 27.

¹²² Lacan, Jacques. (1973). Televisão. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 543.

¹²³ Lacan, Jacques. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 249.

¹²⁴ Lacan, Jacques. Joyce, o sintoma. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 542-543.

¹²⁵ Soler, Colette. *O que faz laço*. São Paulo: Escuta, 2016.

¹²⁶ Lacan, Jacques. (1973). Televisão. In: *Outros escritos*, op. cit., p. 519

¹²⁷ Lacan, Jacques. (1972-73). *O seminário, livro 20: Mais, ainda*, op. cit., p. 159.

O que não se garante

Colette Soler

Ainda, então, falamos da garantia. Sempre me senti um pouco refratária às interpelações acerca da garantia analítica. Elas não são de hoje, começaram na EFP, a Escola de Lacan, e num tom bastante passional, com o qual nunca estive em consonância. Isso me interpela, mas creio que isso vem de minha convicção, muito antiga, de que não nenhuma há garantia, em lugar algum, quer dizer, em nenhum discurso.

Há, decerto, discursos em que, diferentemente do discurso analítico, é possível definir uma competência, de saber e/ou de experiência, a partir de provas de validação. Isto é o que acontece nas ciências e nas áreas técnicas e, portanto, as Universidades, as Escolas e locais de aprendizagem diversos. Daí a questão, tão atual na França, das avaliações. A avaliação tem aspectos diversos, mas o que ela garante é sempre uma competência. Não necessariamente grandiosa – ser capaz de escrever francês sem erros, por exemplo, é uma competência. Em suma, pode-se, em certos discursos, assegurar uma competência, mas isso não constitui uma garantia, pois ela nunca assegura... a performance *hic et nunc*. Entre as duas, entre competência e performance, há uma brecha [*gap*], que se manifesta na experiência, por exemplo, no nervosismo no momento no qual é preciso que a competência passe ao ato, e essa brecha hoje em dia é muitas vezes designada com a expressão “erro humano” [*erreur humaine*], mesmo falta [*faute*], para aquele cuja competência foi validada e, se você for um engenheiro que constrói, um motorista que dirige um trem, será indiciado por falha [*défaut*] de performance.

Bem, está excluído que um analista seja processado por falha [*défaut*] de um ato analítico. Acontece de um analista ser submetido a julgamento, decerto, por exemplo, por prática ilegal, se ele não é nem psicólogo nem médico, mas se trata de um processo com relação à lei social, não com relação à psicanálise. Esse é todo o problema daquilo que Freud e Lacan defenderam como “análise laica”. O que decorre do fato de que não há prova possível de validação de nenhuma competência analítica. Eu digo isso em termos não analíticos, isso é voluntário. Lacan disse isso de tantas outras formas, mais obscuras, “Quem é, onde está o analista...” e ainda o desejo do psicanalista, se encontrar aí é ter saído de uma vez por todas e, em seguida, finalmente, o analista procede do não-todo [*pas-tout*].

Essa indeterminação esclarece muitos dos fenômenos do mundo analítico, ao menos a valorização da duração da experiência, em outras palavras, o funcionamento e, em seguida, a aspiração frenética a se fazer reconhecer. Esta aspiração está certamente em toda parte, mas aqui é mais aguda do que em outros âmbitos, exceto na arte, talvez porque seja chamada como compensação, até mesmo cobertura da carência em questão. Na verdade, esse afinco é sobredeterminado, não posso desenvolver isso agora, mas não há somente um alcance de resseguro subjetivo, pois ele também é monetarizável por esses efeitos sobre o que chamamos, bem sintomaticamente, de “clientela”.

Mas há mais do que isso, uma aporia: é essa indeterminação que torna necessário que a Escola – ao menos aquela que queira seguir as orientações de Lacan – garanta seus analistas. E, parênteses, hoje mais do que nunca, pois hoje confundimos cada vez mais o analista “que se autoriza” com aquele que “se instala”, segundo a expressão consagrada. Daí esse traço de contraste, que é bem de nossa época, entre a multiplicação galopante do número de analistas, e a constatação da redução do número de sujeitos dispostos à análise, até mesmo o declínio da psicanálise. Foi justamente isso que levou Lacan a dizer que seria preciso que – “seria”, um condicional/futuro do pretérito de um voto piedoso [*veu pieux*] –, que a se autorizar, houvesse apenas analistas.

Necessidade, então, de garantir analistas impossíveis de garantir.

A empreitada se depara com duas armadilhas.

Em primeiro lugar a reivindicação, que se autoriza pela falta de critérios de competência, justamente. Conhecemos o seu grito: “por que o outro e não eu?” e “quais são seus critérios?”. Essa é a armadilha do não consentimento. O espírito do tempo, extremamente paritário, acentua fortemente essa armadilha, a ponto de alguns quererem suprimir qualquer garantia de Escola, vimos isso quando começamos.

A segunda armadilha é mais mascarada, mais sub-reptícia, mas mais essencial. Apresento-o por meio das palavras de Lacan que, em 1976, respondia à interpelação sobre os critérios, dizendo, zombeteiramente: “eles não causarão má impressão [*faire mauvais effet*] (não imediatamente)”. Mas aos olhos de quem? Esta é uma referência inegável à opinião do grupo, a má impressão, aquela da doxa da época ou aquela da doxa analítica, ele não diz, mas sua observação implica claramente que à comissão que nomeia, Lacan fez parte dela por 20 anos, não tem outra bússola.

Comentário.

Podemos pensar que essa depreciação [*ravalement*], com relação à afirmação de 1967 sobre o AME “que deu suas provas”, se deve ao homem envelhecido, como se disse de Freud sobre a pulsão de morte? Podemos seguramente pensar assim, já que isso foi formulado, mas procuremos outro pensamento.

Para isso, olho para as imediações teóricas da data desta proposição. Não estamos mais no tempo em que Lacan pensava ter encontrado no NP uma garantia estrutural, linguageira [*langagière*], capaz justamente de garantir a consistência de um discurso, ou seja, uma pseudo universalidade. Ele teve que chegar a um NP existencial que é da ordem do dizer, do dizer quem é pai, pai dos borromeanos eventuais, no plural. Qualificar esse dizer como existencial é implicar várias coisas. Primeiro, que ele próprio é uma performance, imprevisível, um advento, de certa forma, que não anuncia nenhuma competência verificável, validável. Poderia dizer: ele é causal, mas não causado. O que não significa que ele seja *ex-nihilo*, pode ter condições, entornos, mas não vem do Outro (com A maiúsculo), não herda dele, não preside a nenhum universal e procede do Há do Um [*Y a d'Un*], do Um-dizer como Lacan escreve. Consequentemente, a opinião verdadeira, ficção do *Menon* de Platão, não tem mais nenhuma espécie de significação para nós, e não é a fixão (com x) do ponto fora de linha que retornará a ele. Remito-os às duas páginas de “O aturdido”, que Lacan, desde 1972, dedicava à opinião.

Isso me traz de volta ao “causar má impressão” [*faire mauvais effet*] eventual daqueles que não seriam selecionados [*retenus*] de acordo com a opinião daqueles que decidem. Para estes, é inútil perguntar suas razões, não mais do que ao ato analítico. A opinião que nomeia não tem outras razões profundas além das afinidades, sempre sintomáticas em nossos termos ou, se tomar os termos de Immanuel Kant, que fundam apenas “juízos de gosto”. Daí, aliás, seria bem fundamentado colocar este Encontro de Escola sob o signo de um afeto, a alegria. Consequentemente a garantia, uma garantia sempre tem a mesma cor, se assim posso dizer – pois não posso dizer o mesmo valor, e não quero dizer o mesmo odor – portanto, a mesma cor que a daqueles que garantem. É semelhante na arte, observem, a arte sempre datada, como sabemos, e da qual dizemos que ela reflete sua época. Nesse sentido, destruir Palmira ou deixar queimar o museu no Rio consiste em assassinato.

Outra forma de dizer “causar má impressão”, mais pragmática: uma comunidade tem os AME que merece – sem que seja possível medir esse mérito, é claro. É por isso que militei

pelo afrouxamento, quando se trata de propor AME, que afrouxemos um pouco as consistências do grupo daqueles que já são AME.

Mesmo que não haja Outro, como Lacan diz no fim, mesmo que não se possa escapar do regime do Há do Um, é melhor evitar as coagulações dos uns e se aproximar do um por um.

O dispositivo do passe não corrige em nada o que eu disse aí. No passe, segundo os termos de Lacan, dos quais tento não me distanciar demais, não se sanciona nenhuma competência, mas uma performance. Não qualquer performance, mas uma performance de transmissão. Pode-se discutir o que deve se transmitir, a virada do passe, o fim da análise, o UM-dizer do passante etc., a doxa evolui neste nível, mas o que é certo é que se trata de uma performance de transmissão que, assim como a do chiste, supostamente deveria passar, segundo Lacan, justamente por um efeito produzido sobre o outro, em primeiro lugar sobre a placa sensível dos passadores que fazem passar o efeito [*effet*] – o *effect* recebido. Então, uma vez mais, é inútil perguntar aos cartéis suas razões racionantes.

No fim das contas, neste dispositivo, vamos apostar, então, naqueles que pensam ter captado algo de sua própria análise – primeira performance – e que conseguem fazer passar – segunda performance. Trata-se de uma aposta, pois uma performance nunca garante que outras se seguirão. Elas só são possíveis, as que se seguem, o que quer dizer, exatamente, que isso pode não acontecer.

Concluo. Essa dominância em toda parte do Um-dizer performativo, reconhecida e, em seguida, desenvolvida a partir do final de “O aturdido”, evidentemente tem consequências sobre aquilo que podemos considerar como uma clínica analítica, e ela muda notavelmente a visada da interpretação. Ela, decerto, não anula as elaborações estruturais e lógicas anteriores que conhecemos melhor, da estrutura de linguagem à do discurso, mas essa dominância desloca muito, sem anulá-lo, o que, então? o valor causal do único dizer da verdade que constitui o estofo daquilo que chamamos, desde Freud, de clínica. Esse deslocamento do enfoque dado à verdade rumo a Um-dizer performativo – que é um real – é uma transferência epistêmica maior no ensino de Lacan, o homem do matema, da qual, creio eu, ainda não avaliamos a importância, cujas consequências são práticas, bem concretas, se acreditarmos nisso. A prova pelo AME que não “causa má impressão” [*fait mauvais effet*] e pelo passante, quem, por sua vez, causou boa impressão [*a fait de l'effet*].

Tradução: Cícero Oliveira
Revisão da Tradução: Sandra Berta

O discurso analítico, garante da histerização do analisante

Gabriel Lombardi

O esforço para apagar as particularidades do sujeito

Nas últimas décadas, o psiquiatra se transformou em um técnico que administra psicofármacos. Por razões econômicas, aspira agora a manejar os custosos dispositivos da neuropsiquiatria degenerativa. Com o aumento da idade da população, os investimentos em saúde passam do “psi” ao “neuro”, a neuroimunoendocrinologia e tantas outras. O psiquiatra

paga o preço de ter eliminado dos DSM termos como *histeria*, *paranoia*, *paixão*, despedaçados pela A.P.A em humor, emoção e afeto.

O que essas categorias excluídas têm em comum? São tipos de sintoma ou de disposição pelos quais o sujeito quer, especificamente, ser escutado. Aqueles que apresentam outros tipos clínicos, como o ataque de pânico, buscam ser medicados imediatamente. O paranoico, porém, quer que o escutem, que seu desejo seja registrado por algum ouvido atento, que fique escrito em algum lugar. O apaixonado busca o impacto no Outro. O sujeito histérico tenta, e com frequência consegue, fazer laço social com seu sintoma. A expressão cunhada por Colette Soler há alguns anos – “o desejo de psicanálise”, desejo de ser escutado analiticamente – torna-se oportuna.

Que a psicanálise se interesse pela singularidade é uma obviedade que convida ao desvario, pois, conforme disse a mesma autora com elevada ironia, todos somos singulares. Há os semblantes de singularidade, e outra que requer passar por alguns particulares incômodos, que questionam o modo pelo qual uma comunidade como a nossa emprega o diálogo.

O lugar da histeria em psicanálise

Proponho voltar ao lugar tão particular que, em psicanálise, ocupa a histeria entre os tipos clínicos. Foi situada por Freud e Lacan de diferentes modos, mas coerentes entre si. O primeiro detectou nela um *modo de comunicação* com seus parceiros mediante um sintoma inscrito no corpo. A partir de Freud e seus historiais, Lacan propôs a histeria diretamente como *um discurso, um laço social* cuja estrutura se resume assim: o histérico faz laço social com seu sintoma ou divisão subjetiva \mathcal{S} , afrouxando a identificação com o significante S_1 de seu parceiro libidinal, ao qual interroga, faz trabalhar e produzir saber, um saber que, de todo modo, resulta impotente para situar aquilo que o sujeito crê valer no desejo desse Outro. Essa interrogação permanece uma questão e explica sua afinidade invocante com o discurso do analista.

Depois de ter fracassado na vida com outros S_1 , o histérico aspira a que se escute sua interrogação, e o analista, se efetivamente o é, recebe essa pergunta e consegue tolerá-la, estar preocupado nela e dar uma resposta, permitindo, ao menos, o desenvolvimento da pergunta. Para que isso ocorra, se vale da operação da verdade que facilita um giro de discurso, de modo que o perguntador se ponha a trabalhar no discurso analítico ($a \rightarrow \mathcal{S}$) causado pelo que era esse objeto que resume a impotência do saber. Esse movimento leva o “desejo de psicanálise” à “análise” pura e simplesmente. Muito nitidamente porque o tipo clínico histérico permite conectar sintoma e estrutura, com certeza, manifestando “um real próximo ao discurso científico”, conforme sugere reiteradamente Lacan nos *Outros Escritos*.

De todo modo, sabe-se que a psicanálise não se aplica somente a sujeitos cujo tipo clínico de sintoma é tão social nem se articula tão claramente na estrutura como na *belle bouche* [açougueira] ou em Dora. Por meio das observações de Freud, que assinalam um *núcleo conversivo na neurose obsessiva*, e pelas de Lacan, que mostram a estrutura *transferencial da paranoia e as viragens ou vavéns [objeto/sujeito] típicos da perversão*, podemos entender que a análise não seja oferecida agora somente ao sujeito histérico, que a psicanálise seja “inclusiva”, como se diz.

Com a condição de se destituir como sujeito até conseguir uma “estrita submissão a todas as posições subjetivas” do paranoico, o analista pode recebê-lo, ganhar sua confiança e, inclusive, e até sua cumplicidade para que ele lhe abra seu inconsciente e se divida, e chore

na sessão, e passe, eventualmente, dos sonhos persecutórios aos de insatisfação. E retome, à sua maneira, sua vida, seu trabalho e alguns laços de amizade e de amor.

Ao sujeito da perversão, por sua vez, sob a condição de admitir as seduções iniciais de placa giratória que propõe, o analista também pode recebê-lo como analisante. Particularmente quando saiu do armário, quando se autoautorizou e se autodespatologizou, esse analisante, totalmente legal, gosta de compartilhar seus segredos, mesmo que sinta um pouco de vergonha deles, e seu relato deixa de se inclinar à passagem ao ato como inicialmente, viragem típica e certamente assinalada por Serge André em “A impostura perversa”. Sua relação peculiar com o recalque e com a culpa revela-se radicalmente diferente da psicose, sem recalque, e também da neurose, na qual o recalque incide de outro modo, acentuando o *fading* do sujeito na fantasia. O perverso, por sua vez, afirma-se com facilidade na encenação do objeto – dois modos bem diversos de autotratamento da divisão subjetiva por meio da fantasia.

Da singularidade selvagem à singularização analítica

Todos somos singulares, os mais adaptados à norma e também “chique gorde” de cabelo rosa e aspecto cuidadosamente descuidado que se autodefine *queer*, designação genérica e paradoxal que se atribuem “os estranhos” [*les rares*]. Mas, atenção: também se considera muito sinceramente singular o obsessivo, que não comunica seus sintomas com os outros; e também o paranoico cujo caso é, logicamente, excepcional; e o esquizofrênico que encarna vários casos incompatíveis ao mesmo tempo; e também o melancólico, tão singular que não faz caso algum. Nenhuma delas constitui uma singularidade verificada analiticamente; no momento, são particulares que ainda não passaram pela histerização recomendada por Lacan para entrar em análise, como afirma em “O avesso da psicanálise”:

[...] existe o discurso do analista, e este não se confunde com o discurso psicanalisante, com o discurso proferido efetivamente na experiência analítica. o que o analista institui como experiência analítica pode-se dizer simplesmente - é a histerização do discurso. Em outras palavras, é a introdução estrutural, mediante condições artificiais, do discurso da histórica [...].¹²⁸

A partir disso, deduz-se que:

1º- O método analítico não se reduz a um único laço social. Trata-se, mais bem, de uma prática de mudança de discurso. O analista, a partir de seu discurso, intervém interpelando o sujeito dividido, tomado em seu sintoma como paciente e agente ao mesmo tempo ($a \rightarrow \mathcal{S}$), e, assim, o incita a rebelar-se/revelar-se e a responder a partir do discurso histórico.

2º- Lacan não diz que o analisante, para sê-lo, deveria ser histórico previamente. Qualquer que seja seu tipo clínico prévio, o analisante tende a responder a partir de seu sintoma histerizado, vetorizado em direção ao Outro pela transferência: sintoma perguntador, que busca esgotar as respostas do Outro, e, finalmente, irônico. O analista deve não só canalizar, mas também obter efetivamente do analisante uma resposta desde o discurso “científico” da histeria, resposta que se faz a partir de uma posição de sujeito dividido, propiciando um contexto heurístico ou de descoberta, nos termos de Reichenbach.

¹²⁸ Lacan, Jacques (1969-1970). O Seminário, livro 17: *O avesso da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992, p. 31.

A mudança de discurso histórico-analítico é essencial ao jogo analítico, ao *body-storming* analítico.

A trajetória da entrada em análise costuma, então, ir da transferência selvagem (histeria, acting out, passagem ao ato, delírio, destituição selvagem da angústia) à resposta/pergunta histórica analiticamente induzida. Essa sequência, esse ir e vir entre ao menos dois discursos, conduz à resolução da cura.

Coerentemente, ao final da experiência de análise, com o sujeito suposto saber exausto, Lacan propõe, no “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11”:

“Agora, ou seja, no crepúsculo, introduzo minha pitada de sal: feita de histoeria [*hystoire*], o que equivale a dizer de histeria: a de meus colegas, na circunstância, um caso ínfimo, mas no qual me vi tomado pela aventura, por me haver interessado por alguém que me fez deslizar até eles por ter-me imposto Freud: a Aimée de minha (ma)tese [*mathèse*]¹²⁹.”

Então, a sequência é: Aimée enviou Lacan, psiquiatra, a analisar-se. Esse, por sua vez, encontrou os históricos da IPA, Lowenstein em particular, e, a partir desse encontro, adveio esse analista com tantas possibilidades de falar e de ensinar a partir do discurso histórico, entre outros.

Hystorização e pré-história do sintoma

Resumindo, o discurso analítico garante a histerização do discurso do analisante, seja qual for seu tipo clínico inicial. Dá garantia a quem busca que seu dizer dividido se escute, encontre um parceiro com chances de fazê-lo, e até permitir-lhe instituir um dizer.

A passagem pelo discurso histórico parece homogeneizar a clínica, efeito notório no dispositivo do passe. O próprio Lacan supôs que o passe implica um “hystorizar-se” de si mesmo [*s’hystoriser de lui-même*], o que orienta toda fineza clínica em direção à histeria, camuflando em muitos casos a posição prévia a tal *hystorização*, a *pré-história* que, contudo, não permanece totalmente esquecida em uma pré-história. A *pré-hysteria* não é uma pré-história.

Ainda que produza uma desconexão entre passe e clínica, a hipótese *hystérisation-hystorisation* é coerente com outras afirmações de Lacan:

- Existem tipos de sintoma, existe uma clínica, mas ela é anterior ao discurso analítico.
- Que os tipos clínicos respondem da estrutura é algo que já se pode escrever, mesmo que não sem vacilações. Não é certo e transmissível a não ser pelo discurso histórico.
- O discurso científico é afim ao discurso histórico.

Concluo com uma observação pessoal. Assim como a histerização é um bem para a cura, parece-me uma pena que a “psico”análise se reduza a uma histerização do mundo, aspirando a que o *pré-histórico* não exista mais. Seria como atenuar o mundo porque as pulsões e os desejos que subsistem em outros tipos clínicos, ainda que menos sociais e inofensivos, são os que mudam o mundo, na ciência, na tecnologia, na arte. A psicanálise também tem muito a dizer a respeito. Talvez em Pereira, em 2019...

Tradução: Maria Claudia Formigoni
Revisão da tradução: Sandra Berta

¹²⁹ Lacan, Jacques (1976). *Prefácio à edição inglesa do Seminário 11*. In: *Outros escritos*, op. cit., pp. 567-568.

TEXTOS DO SIMPÓSIO

12 de setembro de 2018

O Simpósio reuniu um número significativo de membros.

Conseguimos trabalhar novamente alguns pontos de dificuldade.

O conjunto do debate há sido desenvolvido em *Ecos número 13*.

Sete membros do CIG propuseram intervir brevemente sobre pontos específicos que a experiência dos passes no CIG lhes trouxe. São esses textos curtos que publicamos neste número de *Wunsch*.

Pontos de Suspensão

Sandra Berta

Então, marcar alguma coisa, um ponto, um ponto de suspensão. (Lacan, 21.6.1972)

Essa é a minha primeira experiência no CIG. Experiência ímpar. Os encontros com os passadores, os debates nos cartéis, o trabalho na *intensão*, têm um efeito de ensino, com o sem nomeação. Alguma coisa afeta nas diferentes instancias do dispositivo do passe, isso é um efeito que se propaga.

Os três pontos de suspensão – “...” – ou a suspensão – pontuação em seu progresso – lembram o tempo lógico bem como a suspensão da sessão; para o primeiro a asserção da certeza antecipada, para a segunda a escansão do sentido.

Eu queria falar hoje de uma suspensão que já não leva a pistas falsas nem a caminhos errados, estratégia do *parlêtre* perante o horror de saber.

Em 1975, Lacan advertia, seguindo Freud, “que o analista deveria apoiar-se, reforçando ali o que extrai de sua própria análise, isto é, saber não tanto para que ela serviu, mas de que se serviu.”¹³⁰

Não tanto *para que...*, mas *de que...*

De que se serve o analista numa análise, a sua, senão da experiência do inconsciente real que se vectoriza borromeamente? Em cada momento de virada é a *presença do inconsciente real*, fora de sentido, o que se atualiza. O sujeito suposto saber se sustenta em *porte-à-faux* por causa desse real.

De que se serviu exige transmitir, o que uma análise produziu. Ou melhor dito: o que uma análise lhe produziu àquele que decide dar seu testemunho. Não é só no passe que isso está em jogo. Mas o cartel, produz um trabalho que tem essa questão como pano de fundo.

Por conta da experiência, aludo aos pontos de suspensão e a suspensão de alguns pontos em jogo, seja pela fantasia que soçobra, seja pelo ponto de parada que oferece, *a posteriori*, uma leitura do passante disso que sua análise tem produzido. Esses três pontos, Lacan os destacara

¹³⁰ Lacan, Jacques (1975) Talvez em Vincennes... In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 316.

em “... ou pior”. Pontos que não são resistências na virada do passe e / ou no final. Suspensão pontuada, antessala do tempo do final. Suspensão que fura a temporalidade do momento de concluir e que passa (as vezes) aos passadores, esse tempo de suspensão e de escansão se *faz dizer*. Três pontos – “...” – nos quais Lacan apontava a função do objeto *a* – descompletude e causa – e acrescentava que operavam na fineza dos campos de gozo.

Essa suspensão é índice de uma “de-tensão”¹³¹ no percurso de uma análise, momento em que a falta de precisão encontra a chance de cifrar essa *alguma coisa* indizível que se destaca de tudo aquilo que fora dito, mas que o evoca também, produzindo esse efeito de surpresa, a questão da *intensão: de que se serviu*. Isso nos chegou pelos passadores e houve a ocasião de se centrar nesses pontos de suspensão, de pescar a opacidade desse momento e de acompanhar seus efeitos.

Suspensão, portanto, na opacidade que não admite estratégia, mas que provoca vertigem, e que se segue de uma virada na qual saber e gozo fazem o litoral “que só vira literal quando, essa virada, vocês podem tomá-la, a mesma, a todo instante. É somente a partir daí que podem tomar-se pelo agente que a sustenta”¹³² Suspensão que ao invés de atar a contingência ao necessário, a desata. Depois disso, os sonhos em cascatas, o tempo do final, os *detalhes* de mudanças no nível do gozo e a decisão de concluir.

Essa suspensão, índice da virada-momento de passe, nos foi transmitida provocando uma surpresa, partilhada discretamente em cada cartel – discretamente no momento do encontro com os passadores, uma vez que depois a nomeação tem efeitos da alegria. O cartel trabalha pela oportunidade da nomeação.

Isso... Afinal, no dispositivo do passe o que está em questão é o intransmissível de um saber. *Alguma coisa*, então, que coube aos passantes, agora AE, que, apostamos, contribuirão com seus aportes, farão suas pontuações, para uma Escola. Pontuações não aleias a esse momento de suspensão.

Passe e ponto de estofa na psicose

Jean-Pierre Drapier

Esta é a minha segunda experiência como membro do CIG e, portanto, nos cartéis do passe. Com 6 anos de intervalo, sempre o mesmo afeto de entusiasmo, a mesma admiração pelos efeitos da análise e a mesma convicção do interesse desse dispositivo, decerto por nossa Escola, mas, além disso, para a comunidade analítica. E isso, mesmo fora a satisfação de nomear ou não AE: o caminho é tão interessante quanto o propósito da viagem.

Digamos, primeiro, que ver as coisas assim já permite não confundir o dispositivo, suas instâncias, seus arcanos, seu percurso – da demanda (ao dispositivo epistêmico local) à resposta (do CIG) passando pela transmissão (aos passadores), e não deve se confundir isso e o passe como momento, virada a analista, aquele que se faz objeto.

Da mesma forma, é interessante serializar com mais precisão momento do passe e fim de análise, fim de análise e queda do sujeito suposto saber: a análise continua para além desta queda e se o fim pode ser assimilado ao saber lidar com [*savoir y faire avec*] seu sintoma,

¹³¹ Tentamos fazer desse neologismo o equívoco voluntário que fora aquele de uma passante hispanofalante entre / de-tensión / (diminuição da tensão) e / detención / (detenção).

¹³² Lacan, Jacques (1970-1971). *O Seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009, p. 113.

ao saber como nos dobramos e lidamos com suas dobras para sermos menos estorvados, a passagem [*la passe*] a analista é o momento em que o sujeito abandona os ouropéis que vestem o objeto e se dá conta de sua função de divisão. É um encontro com um real.

Durante meus 4 anos de CIG, ouvi 14 passes dos quais, inevitavelmente, um certo número que dizia respeito a sujeitos de estrutura psicótica. O que me impressionou foi que nesses casos (mas não só), a análise terminada ou não, não se tratava de abandonar, mas de dar, de doar [*faire don*] para a Escola, colando à doxa, construindo pela teoria seu passe, a doação de um currículo exemplar, entusiasmo de fim inclusive.

E isso tem uma lógica: para esses sujeitos, a cura analítica tem efeitos notáveis, permitindo-lhes construir uma suplência, diria, antes, é uma suplência, uma quarta rodela que sustenta as outras três, uma ordenação da realidade, do sentido constantemente colocado numa realidade instável. O estatuto de analista, às vezes tomado muito precocemente, é então um ponto de estofo, um significante que vem fixar essa suplência, permite que o sujeito funcione, não fora da análise, mas fora de sua cura. Talvez analistas muito ligados ao sentido, a dar sentido, mas com os quais os analisandos podem percorrer um longo caminho. Afinal, se, como afirma Lacan em “A agressividade em psicanálise”, a maiêutica analítica consiste em induzir no sujeito uma paranoia dirigida, esses analistas não devem ser diferentes dos neuróticos.

Pedir para fazer o passe é outra maneira de estofar essa construção, demandando ao Outro da Escola, encarnado então pelo CIG, que autentique esse “ser analista”. Decerto este posicionamento imaginário do dispositivo indica um Outro que continua a consistir tornando a demanda de passe caduca *de facto*, mas tem, no entanto, o mérito de indicar um embaraço do sujeito ou, em todo caso, um desejo do sujeito de escapar de um “nomear para” a psicanálise que poderia fazê-lo descompensar. Ele também tem o mérito, assim como qualquer passe-procedimento, de re-construir *retroativamente* [*après-coup*] a cura, de consolidar seus lineamentos, de mostrar os efeitos terapêuticos e didáticos desta cura, o saber recolhido (mas então confundido com a Verdade). Qualquer que seja a estrutura do analisando, o que se ressalta é a histerização como modalidade de interrogação do Outro a partir do laço social promovido pelo Discurso analítico. O que é muito instrutivo na posição de cartelizante do passe é recolher essa histoerização num curto espaço de tempo, ouvir aceleradamente aquilo que já conhecemos em outros âmbitos de nosso trabalho como analista espalhado ao longo de anos e anos e centenas de sessões. E ouvir isso de um lugar diferente, não o do analista tomado no processo da cura, mas o de um participante - com os colegas do CIG, o passante e os passadores - de uma experiência que testemunha fora da cura daquilo que acontece numa cura. Fora da cura, porém mais perto da clínica.

Evidentemente, a confusão saber / verdade, a cimentação por meio da teoria e da doxa, se por um lado têm o mérito de aparelhar o sujeito, não permite concluir que houve um momento de passagem a analista: se é verdade que eles dão um assento ao sujeito, e esse é um resultado notável, estão longe do deixar cair, esperado para uma nomeação. Mas não esqueçamos que com *o passe* (procedimento), se se trata de uma questão de recolher por meio de um testemunho aquilo que *se passa* (ação) no *passe* (momento) para o analista, não é uma questão de formular um julgamento sobre o sujeito nem sobre sua capacidade de ser analista. Concordo assim com a questão levantada por Gabriel Lombardi em “Wunsch n° 18” e que servirá como conclusão: “Uma crítica do julgamento analítico parece-me obrigatória para evitar pensar que devemos tudo à neurose, dando assim a impressão de acreditar que ela é a melhor, ou ao menos a única estrutura aceitável para o analista”.

Tradução: Cícero Oliveira
Revisão d tradução: Sandra Berta

“Quando a vida se faz cargo”

Carme Dueñas

Estar no CIG e poder escutar o que os passadores fazem passar daquilo que tem sido o percurso de uma análise é uma experiência nova em cada Passe. Cada análise é única e aquilo que é transmitido está sempre articulado à lógica própria de cada cura.

Contudo, naqueles passes nos quais temos podido cingir a transmissão de um desejo inédito, pude escutar também aquilo que poderíamos chamar um efeito “vivificante” da análise, um efeito de sentimento de vida, naqueles sujeitos que conseguiram um tratamento diferente do real próprio a cada um.

“É o real que permite desatar efetivamente aquilo em que consiste o sintoma, ou seja, um nó de significantes”¹³³ disse Lacan em “Televisão”. Desenodar cadeias feitas com matéria significante, não de sentido, mas de gozo-sentido. Desenodar para pôr fim ao deciframento, à busca da “verdade mentirosa” e assumir que há um limite, um impossível de dizer e de saber. A impossibilidade de ir além no deciframento produz uma satisfação que permite ao sujeito deixar de acreditar na verdade; e a virada de um gozo mortífero enlaçado à identificação com o objeto pulsional, a um gozo articulado com a alegria de viver e a possibilidade de ocupar o lugar de objeto causa para seus analisantes.

Verifica-se, no Passe, que é a partir de poder experimentar algo do Real que a virada se faz possível. Sair do imaginário, depurar o sentido do sintoma, situar a emergência precoce de um sintoma no corpo quando produzem um afrouxamento do nó até então consolidado, possibilitam pegar algo daquilo que marcou o ser. Em alguns casos tem sido um lapso, em outros um sonho ou uma série de sonhos, ou uma interpretação que teve efeito revelador, aquilo que propiciou o desenodamento. Mas, em todos os casos há para o passante um efeito de “certeza”, algo que tem uma significação essencial que concerne a cada um e põe ponto final ao gozar do deciframento.

A partir daí, já não se goza do sintoma, mas se abre um novo saber-fazer-aí-com o sintoma, um tratamento do real diferente que permite ao sujeito deixar de sofrer e pôr esse real ao serviço da vida. Isso abre também a uma nova posição na escuta clínica, e a poder ocupar o lugar do analista.

Algo do real permanece ao final da análise, mas, então, já não está articulado a nenhuma identificação, porém, a algo do próprio corpo, uma marca de gozo originária que não se pode reduzir.

Os pontos de detenção, a impossibilidade de ir mais além no deciframento, o encontro com o real, marcam o limite do impossível de elucidar e permite pôr fim à deriva infinita de sentido, à “miragem da verdade”. Um encontro com o real que permite ao sujeito modificar sua relação ao gozo e apostar pela vida.

Tradução: Sandra Berta

¹³³ Lacan, Jacques (1974). *Televisão*. In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 515.

Precisão e “imprecisável” [imprecisable]

Marie-Noëlle Jacob-Duvernoy

Durante esse CIG escutei os passes no prolongamento imediato da minha e da minha nomeação em 2016.

O passe é o um testemunho disso que podemos e queremos. Podemos dizer apenas algumas coisas, não podemos com o real, mas escolhemos dizer ou não dizer.

Eu interrogo essa escolha que vai do alusivo ao preciso, os passes sendo manifestamente muito diferentes sobre esse ponto. Isso evidentemente é para cada passante questão de estilo porque nada se predica com o real. Quando evocamos a precisão, pensamos a diferença que efetua Lacan em *O Sinthoma* entre mostrar e demonstrar. Isso que se mostra não é mais do que aparência e se trata de se desfazer dela numa demonstração. Mas, isso não é uma demonstração que perpetuaria o blábláblá ao infinito, mas uma precisão por esvaziamento. Uma precisão para sair da evidência disso que se mostra muito facilmente no imaginário.

Parece-me que essa questão não é de todo fácil de compreender ou mais do que compreender, é preciso que essa questão entre na experiência. Manifestamente isso é o que ficou mais vivo do meu passe. Hoje eu direi desse modo: isso que faz passe é o momento de reviramento da precisão para o impreciso [*imprecisable*]. Para ilustrar, eu retomo o testemunho de uma passante nomeada AE, muito esclarecedor sobre esse ponto. Trata-se de um sonho, ela sonha que a analista não chegará na hora porque tem uma reunião. Ela acorda para dizer que não há angustia.

« Isso que cai, diz Julieta de Battista, é a suposição de precisão ». Essa frase testemunha de uma mudança de relação com o tempo que para de ser angustiante, não há hora justa, não há hora justa atribuída ao analista.

Também a precisão cessa de ser suposta. Que a precisão é esse esforço até seu esvaziamento, até esse ponto onde não sabemos, precisamente, nem isso que dizemos nem isso que será escutado, isso escapa. Uma precisão que reencontra seu ponto de reviramento, seu ponto de impossível, o *imprecisável*.

Tradução: Sandra Berta

PASSE E WITZ

Agnès Metton

Se o passe pode ser uma experiência “absolutamente perturbadora”¹³⁴ para aquele que a ele se oferece, se o impacto sobre os passadores também tem seu peso, a surpresa, para mim, veio do efeito do passe sobre o próprio cartel.

¹³⁴ Lacan, Jacques (1975). Intervention sur la passe. In: *Lettres de l'Ecole freudienne*, n°15. Paris : Seuil, 1975, p. 185-193. Em Português está publicada na Revista de circulação interna da Escola de Psicanálise Letra Freudiana – *Documentos para uma Escola II* – Lacan e o Passe. p. 57 “uma experiência que os deixou absolutamente transtornados”.

O cartel tem uma relação indireta com o passante, dado que o testemunho é mediado pelos passadores. O cartel não deixa, no entanto, de também ser fortemente afetado pelo testemunho, sobretudo quando dele se destacam índices de fim de análise ou de passe, os dois tempos merecendo ser distinguidos.

Já a cada passe, há o interesse manifesto dos membros do cartel de escutar testemunhos, e o prazer de trabalhar coletivamente no cerne daquilo que os reúne na Escola. O que se recolhe do trabalho da cura e aquilo que se deduz disso vem atualizar, avivar a mobilização de cada um sobre a experiência, a cada vez única, que é uma psicanálise. Mesmo o efeito terapêutico, que não é o intuito do ato analítico, não é desprezado.

Mas, além disso, nos casos em que há nomeação, pelo menos nos dois cartéis que nomearam e dos quais participei, houve uma animação adicional. Cada vez que o cartel foi estimulado, levado a continuar a elaboração para além dos dados da transmissão, a retomar, por exemplo, o que aconteceu com o saber que vem para circunscrever o gozo, ali mesmo onde o passante ainda não necessariamente lhe havia dado forma: aliás, se a questão da ultrapassagem do horror de saber havia sido tratada pelo passante de forma demasiadamente pensada, “dogmaticamente normalizada” demais, não é certo que ela tenha trazido convicção. Ao passo que precisamente, é a partir de um vislumbre que vem a sacudir, surpreender que, num misto de íntima convicção e elaboração coletiva, se forma no cartel a ideia de que há psicanalista e que do psicanalista se deduz experiência. E a decisão de nomear que vem a seguir traz satisfação ao cartel, de um modo, antes, alegria, para ressoar com o subtítulo de nossas Jornadas de Escola.

Mas será que se pode dizer o que foi vislumbrado? Certamente as articulações da história da cura, algo que dela se isola, e como isso se discerne e é circunscrito, que sejam identificados elementos do fim da análise ou elementos da escolha rumo ao desejo do psicanalista, muitas vezes mais difíceis de distinguir. E além do conteúdo, notemos o efeito daquilo que é vislumbrado: isso repercute como surpresa. Surpresa, por exemplo, ao ver ser extraído esse significante que fixa o gozo, surpresa ainda com a redução da análise à, no fim das contas, tão pouca coisa, surpresa também com a incrível eficácia desta tão pouca coisa em transformar uma vida quando o próprio sujeito se reduziu a isso. E essa surpresa é revigorante.

Lacan, em novembro 1975, nos havia exposto que “esse passe... de repente, [para o passante] põe em relevo, como pode fazer um clarão, uma certa sombra de sua análise”,¹³⁵ depois de ter situado, a partir de Heráclito, que o clarão demonstra o princípio da heterogeneidade entre as coisas. São os ricochetes, os ecos ou as réplicas desse clarão que vêm atingir o cartel que nomeia.

O clarão nos remete à “Proposição de 1967”. “Quem verá, pois, que minha proposição é formada a partir do modelo do chiste, o papel da *dritte Person*?”¹³⁶ Como a *dritte Person* é a condição de validação, de autenticação do chiste, o cartel – porque está numa posição de terceiro – é o elemento necessário para sancionar, para registrar [*acter*] o passe, é para ele que o testemunho é dirigido, além do intercâmbio entre passante e passadores.

Falei acima do prazer do cartel em funcionar, e além da vivacidade¹³⁷ que o toma quando as condições de nomeação são reunidas, e isso também pode ser articulado com a analogia com a espíritosidade, porque ela causa prazer. Satisfação por ter visto, no espaço de alguns clarões, algo a verificar as crenças no inconsciente, a confirmar o inevitável e o

¹³⁵ *Ibid.*

¹³⁶ Lacan, Jacques (1967). Proposição de 9 de outubro sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 269.

¹³⁷ Metton, Agnès (2017). No calor do momento do trabalho do cartel do passe. In: *Ecos*, nº11, dez. 2017.

intratável do real, ter entrevisto no passe o lugar daquilo que não existe, assim como a “tirada espirituosa (...) designa, e sempre de lado, aquilo que só é visto quando se olha para outro lugar”.¹³⁸ Satisfação ainda por quase tocar, por fragmentos, como o passante ao mesmo tempo se arranja com o insuportável e com isso pode definir um novo desejo. Prazer também em sentir que o desejo do cartel – do grupo e de cada um –, esse desejo de que o saber sobre a psicanálise continue a ser tecido, encontre-se reavivado, estimulado. Pois se o testemunho de passe transmitiu algo ao cartel, é também claro que ele ainda deixa a desejar no melhor sentido do termo, que é que, assim, ele oferece um suplemento de desejo. E é esse o sentido da nomeação: uma espera, uma esperança para a expansão do DA, o desejo [*soubait*] de que aquilo que o cartel ouviu emergir do passe prossiga ainda em progresso elaborativo, e, desta vez, para o benefício de toda a Escola.

Tradução: Cícero Oliveira
Revisão da tradução: Sandra Berta

Passé e Tempo

Frédéric Pellion

Entre outras virtudes, o passe tem aquela de nos fazer sentir que a ideia de um tempo de análise que seria de alguma forma mensurável – isto é, segundo um ou outro ponto de referência, linear – é uma ideia falsa.

Essa ideia falsa conguja-se, parece-me, com a ilusão de um término natural da análise que a faria ir dela mesma até seu término, em direção ao seu destino – exceto quando se encontra os obstáculos trazidos pelo analisando, ou pelo analista ou por ambos.

No entanto, os acidentes das pessoas e as restrições da estrutura são duas coisas distintas.

Observo, aliás, que a célebre sequência descrita por Lacan em seu texto sobre “O tempo lógico”,¹³⁹ ao ser tomada ao pé da letra cronológica, pode afiançar essa ideia falsa.

Poderíamos, contudo, ser alertados pelo termo “sofisma” que Lacan acrescenta aí.

Uma regra implícita pressupõe que nossa comunidade deixe a cada um, e em particular aos AE, o cuidado de comentar, se assim desejar, sua própria cura.

Todavia, para apoiar minhas observações, tentarei apresentar, e depois aproximar, dois exemplos da não linearidade do tempo da análise que me pareceram particularmente convincentes em dois dos testemunhos de passe que nosso CIG 2016-2018 escutou.

Primeiro testemunho

Um traço particularmente relevante – a latência: um comentário do analista indica, no momento em que a primeira análise chega ao fim, a possibilidade do passe; em seguida, durante um longo período intermediário – tempo fora da cura, mas de forma alguma fora de transferência –, o significante / passe / percorre as nuances da interrogação; uma segunda sequência analítica, com outro analista, reduz em seguida essas nuances à sua “cor-de-vazio”;¹⁴⁰ antes que, finalmente, alguns anos depois, a passante, depois de ter se aproximado

¹³⁸ Lacan, Jacques (1956-57). *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p. 29.

¹³⁹ Lacan, Jacques. (1945). O tempo lógico. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, pp. 197-213.

¹⁴⁰ Lacan, Jacques. (1964). Do “Trieb” de Freud e do desejo do psicanalista. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 865.

mais do dispositivo e produzido um pensamento que entrelaçava os significantes do sintoma de entrada à significação do ato, atravessa o vau da demanda de passe.

Retroativamente, o significante / passe / teria orientado o futuro, ao mesmo tempo analisante e analítico, da passante.

Segundo testemunho

Ele ressalta outra coisa, uma espécie de movimento em espiral, um sobre o outro, dos momentos de estase, e até mesmo de parada, da análise pessoal, e das etapas de aperfeiçoamento do desejo¹⁴¹ do analista.

O tempo perdido aqui é ganho ali, e, de fato, a sequência de separação com o último analista coloca em jogo a impossibilidade de concordar com uma igual medida do tempo.

Esses dois testemunhos deram lugar a uma nomeação.

Isso talvez não seja totalmente alheio a essa retroação assumida, na ordem do querer, do tempo da análise sobre o “tempo vivido”.¹⁴²

Ora, o passe, como uma forma de tempo distinto do não-tempo do inconsciente, bem como do tempo cronológico, induz, até precipita, essa retroação.

Participa assim, às vezes, para que o primeiro mude o segundo em valor.

Tradução: Cícero Oliveira
Revisão da tradução: Sandra Berta

Quando o cartel não nomeia

Marina Severini

Não houve nenhuma nomeação de AE nos 4 cartéis do passe de que participei. Sei que estou em boa companhia porque é o que acontece na maioria dos cartéis, mas não é isso que esperava no início da minha experiência no CIG. Vi o clima de alegria e de uma certa euforia entre os colegas dos “cartéis felizes” (é assim que os pensava) quando diziam que havia ocorrido transmissão, reconstruindo as passagens; um clima felizmente contagiante, mas não é o mesmo que experienciar isso diretamente.

Os cartéis que dizem “não” são a maioria, sabemos disso há muito tempo: como interrogar esse ponto, como evitar que ele se torne uma espécie de rotina com a qual nos habituamos? E mais: se esperamos muito de um passe com a nomeação – da parte dos AE, da elaboração do cartel – o que pode ser transmitido à Escola da experiência dos passes sem nomeação? Que ensinamento? Tentarei dizer o que elas me ensinaram.

Passe e fim de análise

O caso mais frequente parece ser o de realizar o passe após o fim da análise, e também foi esse o caso nos cartéis de que participei. Por que pensamos no passe após o final da análise? Quando não há nomeação, esse dado fica mais em relevo, em alguns casos poderíamos dizer que o passe foi como uma demanda à Escola, uma espécie de autenticação,

¹⁴¹ No sentido estritamente progressivo que essa palavra adquire em inglês, por exemplo, no Preâmbulo da Constituição Americana, “*in order to form a more perfect union*”.

¹⁴² Minkowski, Eugène. (1933). *Le temps vécu*. Paris: P.U.F., coll. « Quadrige », 2013.

uma pergunta implícita como: realmente terminei minha análise? E posso legitimamente atuar como analista? Um caso foi exceção, porque o passe foi solicitado antes do final. O interessante é que neste caso a experiência no dispositivo permitiu que o sujeito em questão percebesse que sua demanda de passe havia provocado a precipitação do fim (isto é, já que estou fazendo o passe, então devo terminar minha análise), um fim que a passagem pelo dispositivo havia colocado em questão. Penso que um dos motivos da confusão com relação ao passe e ao fim vem da dificuldade de se separar da ideia de que o psicanalista é o produto de uma análise finita. Há muitas citações de Lacan que desmentem essa ideia e também muitos textos e comentários bem articulados (uma referência recente é o Pré-texto de Julieta De Battista,¹⁴³ recentemente nomeada AE), e, de resto, se o psicanalista foi o produto de uma análise, o dispositivo do passe seria totalmente inútil! Mas se esta ideia é persistente, haverá alguma razão, penso eu.

Efeitos da análise e passagem a analista

Quase todos os testemunhos evidenciaram as mudanças positivas devidas à análise: alívio da angústia, mudanças com relação aos sintomas, novas escolhas de vida. Vive-se melhor depois da análise, e isso é algo lindo, mas o passe não foi pensado para isso. Ouvi depoimentos muito centralizados sobre os sucessos terapêuticos da análise. O interesse (do passante? do passador? de ambos?), no que diz respeito aos efeitos positivos da análise, é marcado pela presença de muitas palavras (um grande número de encontros e uma grande vontade de relatar ao cartel tantos detalhes da “historieta”). Demasiadas são as palavras quando não conseguimos circunscrever o ponto. Mas o que causa nosso interesse é justamente este ponto, o momento da passagem a analista, aquilo que se pode dizer sobre essa transformação, quando e como isso acontece, que horror de saber se tem que ultrapassar para que a psicanálise e o psicanalista não sejam mais ideais.

Mas quero acrescentar que também encontrei passadores à altura, realmente interessados na questão do ser do psicanalista.

É que nessa comunicação, preferi evidenciar as questões problemáticas que aprendi com minha experiência.

Concluo: o que pode ser transmitido à Escola com esta experiência dos cartéis que não nomearam? Penso que a contribuição deles é indicar as questões abertas que o trabalho de Escola pode tentar desvencilhar. Os aspectos que ressaltai não são novidades, repito, são dados conhecidos e de longa data. Corre-se o risco, talvez, de considerá-los pouco interessantes, algo a que nos habituamos? Ou conseguimos nos surpreender como se se tratasse de novidades? E nos colocamos continuamente para trabalhar? “Trabalhar cansa” [*Lavorare stanca*], disse Pavese (poeta e escritor italiano). Mas a alternativa seria adormecermos no conforto; então, bem-vindos ao passe, o que nos ajuda a permanecer incomodados e a continuar nos perguntando o que é um psicanalista.

*Tradução: Cícero Oliveira
Revisão da tradução: Sandra Berta*

¹⁴³ De Battista, Julieta (2018). Advento do desejo de analista. In: *Pré-textos*. X Encontro Internacional dos Fóruns/VI Encontro internacional da Escola IF-EPFCL. <http://xcita-if-epfcl.barcelona/pretextos-pr.html> (Acesso: 08/09/2018).

AGRADECIMENTOS

O CIG agradece a todos os colegas de todas as línguas que contribuíram com a imensa tarefa das traduções. Sem esse esforço comum seria impossível poder publicar periodicamente nossos debates sobre a Escola e, certamente, sustentar o espírito vivo do internacional.

TRADUTORES

Tradutores em língua francesa

Sandra Berta, Isabelle Cholloux, Patricia Dahan, Dominique Touchon Fingermann, Cícero Oliveira, Clothilde Pascual, Manel Rebollo, Maricela Sulbaran, Elisabete Thamer, Lina Velez.

Tradutores em língua espanhola

Maricela Sulbarán, Agustín Muñoz, Clara Cecilia Mesa, Mónica Palacio, Beatriz Zuluaga, Carme Dueñas, Rosa Escapa, Sandra Berta, Patricia Muñoz.

Tradutores em língua portuguesa

Beatriz Chnaiderman, Cibele Barbará, Cícero Oliveira, Dominique Fingermann, Gláucia Nagem, Ingrid Figueiredo, Leonardo Pimentel, Maria Claudia Formigoni, Roberto Profeta Marques, Sandra Berta.

Tradutores em língua italiana

Annalisa Buccioli, Nathalie Dollez, Piero Feliciotti, Maria Silvia Ferrari, Paola Grifo, Silvana Perich, Graziano Senzolo, Marina Severini.

Tradutores em língua inglesa

Gabriela Costardi, Richard Barrett, Chantal Degril, Esther Faye, Macario Giraldo, Deborah McIntyre, Sara Rodowicz-Ślusarczyk, Leonardo Rodríguez, Susan Schwartz, Devra Simiu, Gabriela Zorzutti.

PROXIMOS EVENTOS

Primeira Convenção Europeia da IF-EPFCL

De 12 a 14 de julho de 2019

Maison de la Chimie

28, rue Saint-Dominique, 75007 Paris

Tema

Para a IF-EPFCL: “O dizer dos exílios”

Para a Escola “A Escola dos cartéis”

Tabela de preços

	1 dia		2 dias		3 dias	
	14 de julho		12 e 13 de julho		12, 13 e 14 de julho	
	até 15 de março	após 15 de março	até 15 de março	após 15 de março	até 15 de março	após 15 de março
Individual	€ 100,00	€ 130,00	€ 160,00	€ 200,00	€ 200,00	€ 250,00
Participantes de um colegio de clinica psicanalitica (apresentar justificativa)	€ 70,00	€ 100,00	€ 120,00	€ 150,00	€ 160,00	€ 200,00
Estudantes (menos de 26 anos, comprovar)	€ 50,00	€ 50,00	€ 60,00	€ 60,00	€ 70,00	€ 70,00
Persona que está procurando emprego	€ 50,00	€ 50,00	€ 60,00	€ 60,00	€ 70,00	€ 70,00
Formação continuada	-	-	€ 300,00	€ 300,00	€ 360,00	€ 360,00

Registro/informações/inscrição

Tel: 01 56 24 22 56

Tarifas preferenciais ante do 15 de março. Tarifas diferenciadas para as Jornadas da IF, a Jornada de Escola ou ambas. Consultar o boletim de inscrição para mais informações.

Inscrição por cheque

Imprimir e preencher um boletim de inscrição. Enviá-lo pelo correio, acompanhado de um cheque a nome da EPFCL-França.

Inscrição por transferência bancária

Preencher o formulário de inscrição e efetuar uma transferência para o n° de IBAN: FR76 1010 7001 3700 4120 2069 916 (BRED Parmentier), indicando “Convenção Europeia 2019”. É necessário comunicá-lo e assegurar-se que seu boletim de inscrição tenha sido recebido, caso o envie por e-mail.

Inscrição on-line

Para inscrever-se e pagar on-line, consulte a página na seção inscrições on-line e siga as instruções.

III Simpósio Interamericano e III Jornada de Escola

De 18 ao 20 de julho de 2019

Centro de Convenções do Hotel Movich

Cra 13 No 15-71, Pereira, Risaralda,

Colômbia

Tema:

“Clínica Psicanalítica: estrutural, da sexuação, borromeana”

Tabela de preços

	Até 01/06/2019		Após 02/06/2019	
Profissionais	USD	90,00	USD	100,00
Estudantes	USD	45,00	USD	50,00

Informações: foroslacan@gmail.com

www.campolacanianopereira.co

XI Encontro Internacional da IF-EPFCL

e VII Encontro de Escola

De 10 a 14 de julho de 2020

Buenos Aires, Argentina

Tema

Para o Encontro da IF-EPFCL

“Tratamento do corpo na época e na psicanálise”

Sumário

Editorial	2
Abertura do Encontro de Escola, Marc Strauss	3
I. Os AE e os discursos: experiência e transmissão	
Carmen Lafuente: “ <i>Mas... de onde vem essa alegria?</i> ”	
<i>Da alegria de 67 à alegria de 76</i>	4
Nicolas Bendrihen: “ <i>Summertime sadness</i> ”	7
Adriana Grosman: “ <i>Hora do Dizer</i> ”	10
Julietta De Battista: “ <i>Afazer do real</i> ”	14
II. Efeitos da experiência de passador e laço com a Escola	
Nathalie Dollez: “ <i>Efeitos da transmissão do saber inconsciente</i> ”	18
Juan del Pozo: “ <i>O passador: desejo, transmissão e saber</i> ”	20
Paola Malquori: “ <i>O tempo êxtimo entre contingência e necessário</i> ”	22
Adriana Álvarez Restrepo: “ <i>Seguir o rastro</i> ”	24
Maria Laura Cury Silvestre: “ <i>Uma passadora e suas cidades invisíveis</i> ”	25
III. Os efeitos do passe na cura	
Roser Casalprim: “ <i>Passe e fim</i> ”	27
Patrick Barillot: “ <i>Qual saber no passe?</i> ”	30
Clara Mesa: “ <i>É preciso tempo...</i> ”	33
IV. De um discurso ao outro, garantias e impasses	
Dominique Touchon Fingermann: <i>Do impasse de um discurso ao</i>	
<i>Dizer Outro: um salto. Há alegria!</i>	37
Colette Soler: “ <i>O que não se garante</i> ”	41
Gabriel Lombardi: “ <i>O discurso analítico como garante da histerização do discurso do analisante</i> ”	43
Textos do Simpósio	
Sandra Berta: “ <i>Pontos de suspensão</i> ”	47
Jean-Pierre Drapier: “ <i>Passe e ponto de estofo na psicose</i> ”	48
Carme Dueñas: “ <i>Quando a vida leva a melhor</i> ”	50
Marie-Noëlle Jacob-Duvernoy: “ <i>Precisão e imprecisável</i> ”	51
Agnès Metton : “ <i>Passe e Witz</i> ”	51
Frédéric Pellion : “ <i>Passe e tempo</i> ”	53
Marina Severini: “ <i>Quando o cartel não nomeia</i> ”	54
Agradecimentos	56

Próximos eventos

Primeira Convenção Europeia da IF-EPFCL_____	57
III Simpósio Interamericano e III Jornada de Escola_____	58
XI Encontro Internacional da IF-EPFCL e VII Encontro Internacional de Escola_____	58